

RIBEIRO DA SILVA

CÓRA
A FILHA DE AGAR

DRAMA ABOLICIONISTA EM 4 ACTOS



EDITORA
A FABRICA APOLLO

1884

CÓRA
A FILHA DE AGAR

OBRAS DO MESMO AUTOR

PUBLICADAS

Theatro-Ribeirinho :

O velho casamenteiro, comedia (edição esgotada).
O interesse do tutor, comedia (idem).
A caçadora de noivos, comedia (idem).
Consequencias de um rapto, comedia em 1 acto.
Uma noiva masculina, comedia em 1 acto.
Côra, a filha de Agar, drama abolicionista em 4 actos.

Harmonias da tarde (versos) — 1883.

A PUBLICAR-SE

Theatro-Ribeirinho :

O plebeu, drama.
O filho do crime, drama.
Os escravocratas, drama abolicionista.
A Chiquinha da roça, comedia.
1.º de Abril, comedia em 1 acto.

Vibrações, versos.
Harmonias da tarde—2.ª edição augmentada e precedida
de juizos criticos.
A lavadeira da pedra, conto (parte publicada).

THEATRO - RIBEIRINHO

(8.º ENSAIO)

CORA

A FILHA DE AGAR

DRAMA ABOLICIONISTA EM 4 ACTOS

POR

JOSÉ CAVALCANTI RIBEIRO DA SILVA

NATURAL DE PERNAMBUCO

Representado a primeira vez pela Sociedade *Distração Dramática Familiar*
em a noite de 20 de Setembro de 1884.



EDITORA
A FABRICA APOLLO

1884

M t. 876

AO MEU DISTINCTO AMIGO

O ILLM. SR. CAPITÃO

JERONYMO CAVALCANTI D'ALBUQUERQUE MELLO

O CIDADÃO PRESTIMOSO E HUMANITÁRIO,
INICIADOR E MANTENEDOR DA ESCOLA E BIBLIOTHECA Paysandu'
CREADAS PARA A POBREZA

Exigua homenagem aos seus sentimentos de humanidade
e adhesão á instrucção do povo.

O D. C.

O Autor.

ANTES DO DRAMA

CARTA AO EDITOR

ILLM. SR. A. P. DA CUNHA

Principio agradecendo-lhe a honra que me despensa em aceitando tão expontaneamente o meu drama para editar.

Não podia eu calar este agradecimento, porquanto destacando-se V. S. da maioria de nossos livreiros, que tudo encaram pelo lucro certo que possam haurir na publicação de qualquer producção litteraria, muito desinteressadamente tomou sob sua egide a impressão deste trabalho.

Conheço o acanhado circulo em que gyramos aqui em materia litteraria, maxime dramatica, porquanto pretenciosamente apregoam os *utopistas* que o drama tende a desapparecer, se uma nova intuição não lhe dêr a mão, se não se revestir de uma feição mais ampla, mais criteriosa do que aquella em que tem se mantido até agora— uma fórmula realista; e o meu drama não se filiando a esta escola por vir, nú inteiramente, portanto, de um merito qualquer, eu teria de vê-lo diluido pelo tempo, se a sua intervenção não viesse arrancar-o do escuro de minha carteira de estudos.

Dito o que aqui fica, entrego-o desassombradamente.

* * *

Agora duas linhas explicativas.

Preciso dizer aos que lerem este drama o *como* e o *por que* escrevi-o.

O CÒRA, A FILHA DE AGAR, não é um trabalho completo; é simplesmente, despretenciosamente, a manifestação de uma idéa.

Nasceu ao influxo dessa agitação nervosa que ora convulsiona todas as cabeças que pensam, desta effervescencia abolicionista que se agita em minha provincia, effervescencia que ha de em pouco explosir n'uma sublime apothéose de bençãos sobre a ultima cabeça do ultimo captivo brasileiro.

Não é essencialmente original o CÒRA, A FILHA DE AGAR; deu-me o thema para creal-o a leitura que em tempos fiz do romance de B. Guimarães : A ESCRAVA IZAURA ; foi elle que ministrou-me a these, ainda que não me utilisasse eu do enrêdo.

Escrevi-o a proposito da DISTRACÇÃO DRAMATICA FAMILIAR, uma sociedade de amadores, e tive de limitar as peripecias do enrêdo a circumstancias bem acanhadas, adaptando-o assim ás conveniencias do meio daquella sociedade.

Se o CÒRA, A FILHA DE AGAR, alimentasse a pretensão de ganhar campo no mundo das lettras, mais extensivas seriam as suas peripecias, e mais aperfeiçoado o seu desenvolvimento : eu procuraria esforçar-me para ao menos a isto attingir.

Despretencioso, porém, como é, elle deixa de ser uma aspiração a renome e a glorias, para significar tão sómente os sentimentos abolicionistas do autor.

E' mais um tributo, mais um contingente á nobre causa dos captivos, do que um *debut* dramatico-litterario.

Ditas estas quatro palavras, que não vêm aqui com as *nuances* de um prologo, eu deixo ás mãos do distincto Editor o meu drama.

O publico que o lêa e o julgue como merecer.

Recife,—Outubro de 1884.

Ribeiro da Silva.

ESTREA

Quando foi este drama representado a primeira vez pela DISTACÇÃO DRAMATICA FAMILIAR, a sua distribuição, foi a seguinte :

PERSONAGENS :

SOCIOS :

Córa.....	D. Annita Cunha.
Tenente-coronel Andrada.	Negociante—Urbano Lima.
Pedro.....	Academico—T. A. Temporal de Mendonça.
Carlos	Academico—A. Baptista Nogueira.
Jorge de Almeida.....	" J. C. Ribeiro da Silva.
Arthur de Souza.	" J. A. Mendonça Simões.
Julio de Lemos.....	" S. I. do Rego Barros.
Capitão Paulo... ..	" F. P. d'Andrade Lima.
Barão de Atalaia....	Cadête—C. Farias Costa.
Commendador Avellar...	Negociante—João Carvalho.
Candido.....	" J. Carvalho.
David.....	Academico—Agrupino Simões.
Damião.....	Cadête—M. Alves dos Prazeres.
Zumba.....	Agricultor—V. Wanderley.
Lula.....	Academico—Rego Barros.
Chiquinho.....	" M. Simões.

PERSONAGENS

TENENTE-CORONEL ANDRADA, fazendeiro.. . . .	40	anos.
CÓRA. escrava.....	20	"
PEDRO, feitor.....	55	"
CARLOS. 1.º tenente de marinha.....	25	"
CAPITÃO PAULO, agricultor.....	50	"
CANDIDO, juiz de paz, agricultor.....	55	"
ARTHUR DE SOUZA, alumno de direito.....	20	"
JULIO DE LEMOS, alumno de direito.....	20	"
JORGE D'ALMEIDA, capitalista.....	30	"
BARÃO DE ATALAIA.....	50	"
COMMENDADOR AVELLAR.....	40	"
DAVID, creado	25	"
DAMIÃO, escravo.....	30	"

CAMPONEZES—CONVIDADOS—ESCRAVOS.

A acção do 1.º acto passa-se em uma *Fazenda* do Pará, a do 2.º, 3.º e 4.º em Pernambuco.

ACTUALIDADE—1879

NOTA.—Toda a marcação deste drama é tomada pela posição do espectador.

PRIMEIRO ACTO

—

A SEDUCÇÃO E A FUGA

PERSONAGENS DESTE ACTO

Tenente Coronel Andrada,

Córa.

Pedro.

Capitão Paulo.

Candido.

Arthur de Souza.

Julio de Lemos.

Damião.

Camponezes e Escravos.

ACTO I

O scenario representa a E. um bosque marginado por uma cerca, com porteira, que termina no sopé do monte que fica ao F., onde se vê a capelinha da fazenda. A' D., no primeiro plano, está a frente da casa de vivenda com uma pequena escada, que lhe dá entrada, um prolongamento da senzala, que se estende para o segundo plano. No terreiro da casa de vivenda vê-se uma arvore copada, debaixo da qual ha uma mesa tosca e bancos.

Ao levantar do panno a scena está deserta. Ouve-se ao longe o som de uma toada que vai se approximando até chegar em scena o grupo de camponezes, que passa ao F., da E. para D., entre a algazarra de cantos populares e toques de guitarras, ao tempo que Pedro sae da casa e contempla-os mudo. E' de tarde.

SCENA I

PEDRO (*só, ao ver desaparecer o grupo de camponezes*)

Quanta alegria borbulha n'aquelles corações ! Quér nasça o sol por traz daquelle pico, quér a noite destenda seu manto tectrico e de trevas por essas florestas, o sorriso, como a borboleta das campinas, brinca sempre travesso nos labios desses homens rusticos, cuja honra e apanagio é o trabalho e para os quaes a felicidade está na ignorancia, que os alimenta, sem conhecerem os agrôres da vida das grandes cidades. Ah ! bemditá ignorancia aquella que tem sempre para a alma um balsamo vivificante e consolador. (*Vai á cerca, observa e volta a sentar-se num banco.*) Vinte e cinco annos ! Tenho-os bem gravados aqui no coração ! Vinte e cinco annos braço a braço com uma luta derrotadôra, em que sempre tem sido victoriosa a sorte ! (*Pausa.*) O rico commerciante de então, que atravéz de todos os horrores que lhe aguardava o futuro, sacrificou toda sua fortuna para salvar sua honra, quando um dia a desgraça com o seu cortêjo de iniquidades estendeu-lhe o vigoroso braço de assassina, é hoje o administrador da fazenda do Sr. Tenente-Coronel Andrada ! (*Pausa, pensativo e resolute.*) Mas é preciso ter coragem ! E' agora mesmo que eu careço de uma dóse reagente de resignação para que a honra do velho Pedro de Athayde não perigue ante o abysmo das necessidades. (*Ouve-se um tiro em direcção ao bosque. Pedro vai até a cerca e observa.*)

SCENA II

O MESMO, ARTHUR DE SOUZA E JULIO DE LEMOS *que entram do bosque a E. vestidos a caçadores)*

ARTHUR

Bôa tarde, bom velho.

PEDRO

Meus senhores. . . .

JULIO

Fará o obsequio de nos ensinar o caminho que vai ter á fazenda *Matta-Verde*?

PEDRO

Não sei bem o itinerario, mas. . .

ARTHUR

Distará ainda muito d'aqui?

JULIO

Teremos muitas ladeiras a subir?

ARTHUR

E rios a passarmos a nado?

PEDRO

E' de suppor que não. Vs. Ss., segundo parece-me, são da capital.

ARTHUR

Nascidos mesmo na gema de Belém. Conhecemos todo este Pará.

PEDRO *(em tom de gracejo)*

Mas não sabem aonde é situada a fazenda *Matta-Verde*.

ARTHUR

Apenas passamos no Pará o nosso tempo de férias. O resto do anno vivemos em Pernambuco, na formosa e elegante Veneza do sólo americano—o Recife.

PEDRO

São portanto estudantes de Direito ?

JULIO

Filhos dilectos de Minerva.

ARTHUR

Ensine-nos ao menos, bom velho, a direcção topographica da-
quella fazenda.

JULIO

Com o que muito nos obsequiará.

ARTHUR

V. S. é o proprietario desta magnifica herdade ?

PEDRO

Apenas o seu humilissimo feitor.

JULIO

Ah ! . . .

PEDRO

Vou mandar-lhes ensinar o caminho ; mas antes de partirem,
bem pódem fazer uma refeição.

ARTHUR

Obrigados. Vamos dispostos á lauta mesa do Coronel Ca-
zumba. Solemnisa hoje, 24 de Dezembro, o feliz anniversario de
sua filha, e portanto . . .

JULIO

Havemos de nos regalar. Eu cá sou um gastronomo de pri-
meira especie, e tenho fome. Desde pela manhã que andamos á
caçar por essas mattas e esse exercicio provocou-me o appetite.

PEDRO

E mataram muita caça ?

ARTHUR

Uma ou outra marréca nos pantanos.

JULIO

As quaes levamos ao Coronel Cazumba, como justificativa de nossa demora.

PEDRO

O Coronel Cazumba é um homem muito affavel e os senhores doctores vão encontrar nelle o typo da sinceridade

ARTHUR

Assim esperamos. Pretendo desfructar estas ferias com mais liberdade do que as passadas. Hei-de percorrer pelo menos todo o centro de minha provincia.

JULIO

Eu aprecio muito o Pará, mas preferirei estar sempre na capital a andar trepado num cavallo troteiro ou sujeito a arranhar-me ahi pelos mattos.

PEDRO

E pensa muito bem. Na cidade vive-se ; a vida ali agita-se n'uma sofreguidão continuada, ao passo que aqui no centro a monotonía acabrunha.

ARTHUR

Mas em compensação a vida do campo é menos vaidosa, menos asphixiadora. Esta natureza verdejante e prodiga de bellezas, esta vegetação que se ostenta sorridente pelos campos, a cascata que se despenha n'um soluçar arquejante ao seio alabastrino do rio ; os cantôres plumosos das florestas na sua orchestra de variantes modulações ; as fiôres, os prados, os montes, os bosques, tudo isto, bom velho, faz bem á alma e rejuvenece o corpo.

JULIO

Poesia ! Fallas a linguagem dos poetas sem leares em conta que ao poeta de hoje é ridiculo o fallar em fiôres, em cascatas, em florestas, etc., etc.

ARTHUR

Os poetas de hoje foram-n'o em todos os tempos. A poesia de hoje é a poesia de hontem.

JULIO

Pois vê lá se te alimentas dessa poesia ; não procures cousa mais solida, como por exemp!o, a mesa de hoje do Coronel Ca-

zumba e amanhã me dirás como passaste a noite. Meus amigos, eu só conheço uma poesia que muito me inspira : uma sala apinhada de moças bonitas que volteiam nas walsas, nas *schottischs* e uma mesa aonde se ostente a mais appetitosa e selecta exposição de iguarias.

SCENA III

OS MESMOS E CORA (*que s.a. de casa*)

CORA (*á porta.*)

Senhor Pedro (*a Arthur e Julio*). Meus senhores . . .

PEDRO (*indo á ella*)

Que queres, Côra?

CORA

O Sr. lavrador Antonio Pedro quer fallar á vossamercê.

PEDRO

Dize-lhe que já vou. (*Côra entra para casa.*)

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS CORA

ARTHUR (*que tem ficado enleado a contemplar Côra*)

Senhor Pedro, que linda moça é esta?

JULIO

E' filha do dono desta fazenda?

PEDRO

Não, meus senhores ; é simplesmente uma escrava.

JULIO

Uma escrava?!

ARTHUR

E pôde ser-se escrava tão linda . . . tão alva . . .

PEDRO

E tão educada.

ARTHUR

Mas isto é uma anomalia !

JULIO

Uma perversidade !

PEDRO

Anomalia e perversidade aceitas e abraçadas pela sociedade.

ARTHUR

Mas que devem ser condemnadas, extirpadas mesmo para que de todo não se corrompam os nossos brios de brasileiros.

JULIO

Garanto-lhes que na capital não ha um rostinho tão lindo.

PEDRO

E no entanto existeni-n'os entre montanhas. Deem-me V's. Ss. licença. Vou chamar o seu guia que os conduzirá á fazenda *Matta Verde* por um caminho mais perto. (*Sóbe á ultima porta da senzala e chama*): Damião ?

ARTHUR (*a Julio*)

E' a visão destas paragens!

PEDRO (*que desce*)

E' um fiel escravo do Sr. Tenente-Coronel Andrada, que conhece uma por uma as arvores destas mattas.

SCENA V

OS MESMOS E DAMIÃO

DAMIÃO (*da senzala*)

Vosmecé me chama ?

PEDRO

Vás conduzir os senhores doctores á fazenda *Matta-Verde*.

DAMIÃO

Ohé! Hoje *sinhô Coronel* tem pagode fechado!

ARTHUR

Dize-me cá, rapaz, é ainda muito longe daqui?

DAMIÃO

Nhô não. Fica atraz daquelle monte, *prá* lá mais um bocadinho.

JULIO (*a Pedro*)

Mil vezes agradecidos. Boa tarde.

PEDRO

Feliz viagem e que os senhores doctores se divirtam bastante. (*Despedem-se. Pedro a Damião*) Leva os senhores doctores com cuidado.

ARTHUR (*voltando-se*)

Existem por essas mattas onças montezez?

PEDRO

Podem ir sem susto. As que aqui temos são inoffensivas. (*Acompanha-os até desapparecerem pelo lado da senzala.*)

SCENA VI

PEDRO (*só*)

O que é a mocidade: alegre e sempre festiva! (*N'outro tom.*) Não deve tardar a Trindade e por aqui o Sr. Tenente-Coronel Andrada. Vou aguardar-lhe as ordens. (*Entra para casa.*)

SCENA VII

ANDRADA, CAPITÃO PAULO E CANDIDO (*todos vestidos á montaria*)

ANDRADA (*fóra*)

O' Pinote? Recolhe os animaes á estribaria, moleque. Toma cuidado com o alasão do compadre Candido. (*Entram do oitão da senzala*)

CANDIDO

Compadre Tenente-Coronel, vou mandar queimar a travagem do meu alasão, está muito biqueiro...

ANDRADA

Cuide logo n'isto antes que o perca. Não acha, Capitão Paulo!
(*Sentam-se nos bancos.*)

PAULO

Sou da sua opinião; eu por causa da travagem perdi dois quartões que não os dava por quinhentos mil réis. O Tenente-Coronel não vai hoje ao pagóde do seu visinho o Coronel Cazumba?

ANDRADA

Bem sabe você que estamos politicos desde as ultimas eleições.

CANDIDO

Em que o compadre Tenente-Coronel foi completamente derrotado.

ANDRADA

O que muito lhe servio para ser hoje juiz de paz cá do lugar.

PAULO

Porque era liberal.

ANDRADA

Mas que votou com o Coronel Cazumba, um conservador de dois costados.

CANDIDO

Se assim fiz foi por contemplação ao Tenente-Coronel que era seu cunhado.

ANDRADA

Obrigado pelo *maranhão*! Qual cunhado! Isto era no tempo em que vivia a defunta minha mulher; morta ella desapareceu tambem a cunhadagem. Meus amigos, eu em politica não conheço amigos nem cunhados. E veja que se foi eleito juiz de paz cá da freguezia, não foi lá pelos meus bons olhos; isto é que é ser franco.

PAULO

O Sr. juiz é que é o verdadeiro politico desta redondeza.

CANDIDO

Muito obrigado ao Capitão Paulo. Quem póde dizer assim é o Tenente-Coronel que é conhecido como o mais rico fazendeiro do Pará.

ANDRADA

Dizem, dizem por ahí, e acreditem-me que não me causa móssa o propalarem, que o Tenente-Coronel Andrada é uma influencia real do centro do Pará, e que a fazenda *Campinas* é a mais rica e a mais conhecida da provincia. Isto tem sido dentadinhas dadas em certos sujeitos, bem como no Major Manoel do *Córgo*.

PAULO

E' verdade, Tenente-Coronel, você vio como elle se pronunciou na ultima sessão do *Club da Lavoura*?

ANDRADA

Vi, vi. E tudo aquillo porque? Porque elle sabe que a fazenda *Campinas* é a que mais escravos possui no Pará.

CANDIDO

E o tal projecto de 50 annos?

PAULO

Um disparate!

ANDRADA

Um disparate, sim! Só um louco teria semelhante idéa. Pois vejam o Capitão Paulo e o compadre Candido: um projecto de libertar todos os escravos d'aquí ha 50 annos! Vejam vocês que idiota! Só de um maluco!

CANDIDO

Um prejuizo!

ANDRADA

Uma desgraça, lhe digo eu, que só podia sair de uma cachóla como a do Major Manoel do *Córgo*. Ora vejam; em 50 annos nós ainda podemos ter escravos que nos sejam muito uteis e necessarios; sim, porque a adnittirmos os escravos antes da lei de 71 com 10 ou 20 annos, no praso de 50 annos teremos negros com

a idade.... Ora esperem.... (*calculando*) Setenta e um com dez... com vinte.... 50! Não! Que acha, Capitão Paulo, nós teremos escravos com a idade....?

PAULO (*confuso*)

Com a idade.... Sim; 71 com mais 20.... (*resoluto*) Noventa e um annos, Tenente-Coronel.

CANDIDO

Você está errado. O Tenente-Coronel quer dizer que os escravos nascidos 10 ou 20 annos antes de 71, vêm a ter segundo o projecto apresentado pelo Major Manoel do *Córgo*, no *Club*, 70 annos.

ANDRADA

E' isto, sim! Ora um negro de 70 annos ainda nos presta muito serviço. O Major como tem uma meia dúzia de negros magros, entendeu que devia prejudicar a nós outros.

PAULO

Mas vio a opposição que soffreu?

CANDIDO

E nem podia deixar de soffrer. Aquillo era um despropósito. O Major se tem pressa em libertar os seus, que os ponha no fundo de emancipação.

ANDRADA

Ora, a proposito de negros, vou mostrar ao Capitão Paulo e ao compadre Candido, uma joia que me veio ás mãos ha 2 mezes. Uma mulata peça que é tão branca como qualquer um de nós, e que... olá! ahi é que está a maravilha; toca pianno melhor que a filha do Juiz de Direito cá da comarca.

PAULO

E' uma raridade pelo que vejo. Tambem lê e escreve?

ANDRADA

Melhor que o nosso escrivão do jury. Vocês vão vê-la. (*Chama.*) Oh! Córa? Córa? (*aos dois*) Custou-me um bom cobre; foi a cabeça mais cara que me veio no lote.

SCENA VIII

OS MESMOS E CORA

CÓRA (*á porta com timidez;*)

Meu senhor chamou-me?

ANDRADA

Chega-te para a frente. Então, temos aqui alguma onça da matta? Vai ver um pouco de vinho; anda, depressa.

CORA

Sim, senhor. (*Sae para casa e volta a seu tempo.*)

PAULO

E' uma prenda. Nunca vi carinha tão galante. (*Maliciosamente batendo na perna de Andrada.*) Tenente-Coronel! Tenente-Coronel, você é os capêtas!

CANDIDO

Uma negra branca eu não queria na minha cosinha! Pelo meu alusão!

ANDRADA

Então punha-a na sala a fazer côrte ás visitas; a tocar pianno? (*Rindo aporvalhadamente.*) Tem graça, tem! Era bonito uma captiva a lêr romances e a levar a vida preguiçosamente.

CÓRA (*de casa com uma bandeja, copos, 2 garrafas de vinho que depõe sobre a mesa*)

E' do que tem na despensa.

ANDRADA

Pois sim, é o bastante. (*Enchem os copos. Pedro apparece no oitão da senzala e espreita.*)

PAULO

Tenente-Coronel, á saude de sua saude!

CANDIDO

Eu satisfação e bebo á saude do compadre. (*Bebem de virar os copos*)

ANDRADA (*á Cora*)

Então não bebes á saude de teu senhor?

CÓRA

Meu senhor, eu. . . . Meu senhor sabe que eu não bebo.

ANDRADA

Mas será esta a primeira vez! (*Córa exita.*) Então, não me ouves?! Queres que te repita?!

PAULO (*baixo a Candido*)

Cêdo o vinho está fazendo efeito no Tenente-Coronel.

CÓRA (*timida, recebe o copo, e apenas toca nos labios*)

Meu Deus!

ANDRADA

Eh! Só isto?! (*Bebe e torna a encher o copo.*) De um só trago, vamos! Á saude do teu senhor, ou eu. . .

PEDRO (*descendo*)

Oh! Sr. Tenente-Coronel, pois não vê que esta pobre creatura não está acostumada á embriaguez?

ANDRADA

Olá! O Sr. Pedro, e cá a fazer-me observações?!

PEDRO

Não são observações, Sr. Tenente-Coronel, são. . . .

ANDRADA

O Sr. Pedro sabe que eu não gósto que me contraiem as minhas vontades. Tenho-o tratado muito bem na qualidade de meu feitor e parece querer abusar dessa confiança. Passe por esta. (*Bebem.*)

PEDRO (*á parte*)

Ah! devasso do inferno!

CÓRA (*baixo a Pedro*)

Oh! Cale-se pelo amor de Deus, senhor Pedro.

PAULO (*que tem estado a conversar com Candido*)

O Natal do anno passado, ainda me lembro, foi todo de chuvas.

ANDRADA (*um tanto alcoolisado*)

O deste anno é... todo de sol. Tenho mêdo que não me faça mirrar... as seringueiras. (*Para Córa.*) O que ainda faz aqui?! Não vio que acabamos?! *Córa leva a bandeja para casa. Pedro sóbe para o oitão da capella e espreita.*)

SCENA IX

OS MESMOS, MENOS CÓRA

ANDRADA (*que tem seguido Córa com olhares maliciosos*)

Como lhes disse, Capitão Paulo e compadre Candido... foi a cabeça... mais cabeça... sim, mais cabeça cara que me veio no lote de negros... que arrematei á massa Fagundes... mas em recompensa...

PAULO

E' uma moça de salão.

ANDRADA

O resto da negraria como todo negro... é um bando de diabos que só a carro e a bacalhão... se não fosse a bondade desse senhor Pedro, que é mais... pai dos negros do que... feitor delles, e que... sempre tem uma desculpa a dar ás faltas que elles commettem. Esta canalha de negros só tratada com muito rigor! (*Um escravo passa da senzala á capella e toca de maneira que se veja, no sino, Ave-Maria. Todos levantam-se, descobrem-se e reconcentram-se. Pedro desce e junta-se ao grupo. Terminado o toque, cobre m-se.*)

PEDRO (*á parte*)

Ah! Tenente-Coronel, conta comigo ao teu lado! (*Sobe para a senzala.*)

SCENA X

OS MESMOS, MENOS PEDRO

PAULO

E' quasi noite, Tenente-Coronel, e d'aqui á *Matta-Verde* é uma bôa estirada.

CANDIDO

E a noite, com quanto de lua, não clareia bem aquelle apertado do estreito das barreiras.

ANDRADA

Vão... mas hão de passar o dia de Reis comigo, promettem?

PAULO

Se o Coronel Cazumba não nos pegar por lá todos esses dias. Você bem sabe como elle é exigente quando quer as cousas.

ANDRADA

Sabia quando tínhamos... relações de amizade.

CANDIDO

Que com o tempo voltarão, eu lhe garanto.

ANDRADA

Vá esperando. Quem me as fizer que as faça direito. (*Chamando*) Senhor Pedro?

SCENA XI

OS MESMOS E PEDRO

PEDRO (*do oitão da senzala*)

A's ordens, senhor Tenente-Coronel.

ANDRADA

Mande um desses moleques entregar os cavallos aqui do senhor Capitão Paulo e do senhor Juiz. O Pinóte que monte no russo-baio e os acompanhe.

PEDRO

Como ordena. *(Sae pelo oitão da senzala.)*

SCENA XII

OS MESMOS, MENOS PEDRO

CANDIDO

Então hôa noite, compadre.

PAULO *(a Andrada.)*

Até dia de Reis. *(Despedem-se.)*

ANDRADA *(que sóbe com elles até o fim da senzala)*

Cuidado com os camalhões e que se divirtam. *(Paulo e Candido desaparecem pelo oitão da senzala. Vai apparecendo a lua pelo monte.)*

SCENA XIII

ANDRADA E LOGO PEDRO

ANDRADA *(desce e espreita toda senzala. A Pedro que volta da D.)*

Senhor Pedro, a negraria hoje não tem serão ; que vão sambar á vontade, mas que amanhã... bem cêdo estejam todos aqui... para a revista. Aquelle que faltar a esta ordem, já sabe, tronco e bacalhau por cinco vezes. Tire da gargalheira o Mauricio e mande que o diabo vá ao batuque tambem com os parceiros.

PEDRO

Serão cumpridas as suas ordens. Lembro, porém, a V. S. que a preta velha tia Rita completu hoje dois mezes de castigo de ferro aos pés. A pobre velhinha já não supporta tanto peso.

ANDRADA

Deixe-a passar mais esta noite. É uma insolentona de força essa negra Rita. Vá e cumpra as minhas ordens. (*Pedro desaparece pelo lado da capella.*)

SCENA XIV

ANDRADA E PEDRO

ANDRADA

Muito bem ! Estou inteiramente sem testemunhas. Magnifico para a execução do meu plano !... Ao Pedro.. o velho feitor, mandal-o-hei á *Matta-Verde*... a pretexto... eu cá escolherei o pretexto. Oh ! Córa ! Córa ! (*Pedro apparece junto á capella e escuta.*) Que amor ardente e sensual podeste gravar... no meu coração aos 40 annos ! Até que afinal... a vida dissoluta das senzalas que tenho gosado.. vai desaparecer para ceder lugar a ti, unica hoje digna deste amor.

PEDRO (*a parte*)

Ah ! devasso ! Eu frustrarei teu libidinoso plano ! (*passa para a senzala e occulta-se.*)

ANDRADA

Aqui tendo por testemunhas a lua... o silencio que nos cerca... tu serás minha, só do teu senhor ! A captiva será... a senhora e o senhor será.. o amante ! Mais tarde quando só a brisa... fresca e perfumosa da noite... for a unica visitante destes lugares, tu estarás em meus braços... captiva feliz ! (*Pedro apparece na senzala calçado de botas de montaria. Andrada em alegria sensual.*) Oh ! Córa ! Córa ! E eu viverci só para ti ! E eu te amarei muito ! (*Entra arrebatado para casa.*)

SCENA XV

PEDRO E LOGO CORA

PEDRO (*que desce*)

Vai, miseravel ! Alma depravada e corrupta ! Tu já a julgas tua presa, mas eu te juro que a sua pureza nunca será marejada pelos resabios venenosos de teus beijos. Longe d'aqui, no centro das grandes capitaes eu criarei um ninho para a pomba que ainda

a tempo pude livrar das garras do velho debochado, que fez da senzala de sua *fazenda*, não só antro de ignominia e miserias, mas ainda de corrupção e prostituição. Ah! infame! Vou prevenir aquelle anjo da tentação de seu senhor e leval-a para bem longe d'aqui! (*Vai entrar para casa, donde sae Córa afflicta. A lua tem subido.*)

SCENA XVI

PEDRO E CORA

CÓRA (*afflicta*)

Senhor Pedro...

PEDRO

Não me dês este tratamento. E'-me mais agradavel que me chames teu pai, si é que não córas em dar-me este nome.

CÓRA (*com afflicção crescente*)

Oh! o senhor tem sido mais que pai! Tem sido para mim o meu anjo protector. Sr. Pedro, o meu senhor ameaçou-me hoje para que eu viesse aqui ás horas mudas da noite, ou amanhã o carro e o chicóte tangido pelo mais torpe escravo de sua senzala seriam o meu tropheu de mulher virtuosa. Oh! salve-me pelo amor de Deus, senhor Pedro! Livre-me das garras do meu senhor.

PEDRO

Socega, Córa; nada disto acontecerá. O miseravel abutre que é teu senhor, esse devasso tenente-coronel que te quer para amante, terá de envenenar-se em sua propria raiva. Ha dois mezes que aqui chegaste. Ha dois mezes que esse homem sem coração e sem humanidade machina os seus lubricos planos de assalto á tua honra; intimida-te com promessas dos mais atrozes castigos. Eu o tenho seguido sempre, e hoje, agora, que tudo está a realisar-se, que a tua honra periga, tu fugirás comigo; eu levar-te-hei para bem longe d'aqui.

CÓRA

E depois? Depois a atroz vingança que meu senhor me preparar?

PEDRO

Não se reflexiona em taes emergencias, Córa! Tudo aqui em derredor de nós é silencioso e calmo; todos os negros desta *fazenda* estão ausentes e a senzaia deserta. Vamos! nada de excitações ou tudo estará perdido. Lá abaixo, ao sair do cercado espera-nos o Mauricio com dois cavallos arriados; elles nos conduzirão. Vamos! Eu irei pedir ao mundo justiça para ti!

CÓRA (*quasi em delirio*)

Sim! Sim!.. Eu devo seguil-o! Eu devo fugir para bem longe desse leopardo que me quer para pasto de seus caprichos depravados. Oh! Vamos! Leve-me para bem longe, senhor Pedro! O senhor me salvará, não é assim?

PEDRO

Vamos, filha. Quando se salva a innocencia, o crime horrifica-se de si mesmo. (*Encauinham-se para a cerca em direcção á capella e sobem o monte. Quando apparecem no cimo da montanha, Andrada cambaleando de bebado atravessa a scena da D. para E. saindo de casa.*)

ANDRADA

Córa! Córa?! (*Um grupo de camponezes ao som de guitarras atravessa a scena pelo sopé do monte da E. para D. cantando*)

Quem se vai leva saudades,
Quem fica, fica chorando;
E' por isto, meu bemzinho,
Que eu estou quasi me ficando.

PEDRO (*no cimo do monte com Córa*)

Eu pedirei ao mundo justiça para ti.

CÓRA

Deus guiará nossos passos!

Cae o panno

SEGUNDO ACTO

—

O AMOR E O DEVER

PERSONAGENS DESTE ACTO

Córa.

Pedro.

Carlos.

Jorge de Almeida.

David.

ACTO II

Uma sala modestamente mobilada. Cadeiras, sofá, consolos, tear, etc. Portas lateraes, janella e portas ao fundo. Ao subir do panno, Pedro sentado ao consolo da E. escreve. E' dia.

SCENA I

PEDRO E DEPOIS DAVID

PEDRO (*de barba supposta, lacra a carta e toca uma campainha*)

Não sei o que me adivinha hoje o coração. (*A David que entra da D. alta.*) Leva esta carta ao escriptorio do senhor Jorge de Almeida.

DAVID

Sim, senhor. (*Sae por onde entrou*)

SCENA II

PEDRO (*só*)

Eis o estado que me aguardava o futuro á minha velhice ! Um foragido sem crimes, condemnado a uma indiferença aniquiladora e reprovada, dissimulando com um sorriso forçado, mas necessario, aos poucos amigos que conheço, esta luta interna que como um estilete agudo e penetrante tem mais de uma vez procurado assestar-se em meu coração. Mas assim é preciso. Se fraquejam agora os meus cincoenta annos, agora que eu careço de forças, de energia bastante para proteger e amparar a innocencia que periga ás fauces dessa sociedade egoista e amesquinhada de preconceitos, o que será dessa desventurada Córa, da desgraçada captiva, impellida por uma lei barbara e vergonhosa que lhe roubou todos os direitos, até o de zelar e defender a sua honra dos braços sensuaes e fortes de um senhor devasso e deshumano ? Oh! nunca! Eu jurei pela memoria de Clara que a protegeria como

se ella fosse nossa filha e este juramento eu saberei cumpril-o. O escasso peculio que durante o tempo em que fui administrador da *fazenda Campinas* economisei ainda não está de todo gasto, e em quanto eu tiver forças para o trabalho, animo para encarar as lutas da vida, tu terás um pai, Córa, que velará por ti sempre. Teus primitivos senhores deram-te um gráo de educação proveitosa para que saibas hoje comprehender melhor as vicissitudes do mundo e não desanimes em meio a travessia da existencia, com a resignação calma e boa das almas bem moldadas como a tua (*n'outro tom*). Aqui em Pernambuco não conheço ninguem que possa adivinhar debaixo deste corpo alquebrado por 50 annos de trabalhos pesados, atravéz do disfarce desta barba, o honrado e abastado commerciante que ha 25 annos na capital do Amazonas passava os dias cercado e lisonojeado por um honroso numero de amigos, que fugiram como a corça acossada pelo cão de caça, quando sentiram que o capitalista Pedro de Athayde estava completamente arruinado e fallido! Viveremos, portanto, aqui ignorados: eu velando por essa infeliz menina e nós ambos na unica convivencia desse distincto cavalheiro, desse coração bom e generoso do senhor Carlos, procurando corresponder sinceramente á franca e leal amisade que elle nos despensa.

SCENA III

O MESMO E CORA

CÓRA (*da D. baixa*)

Pensei que tivesse saído sem dar-me a sua benção. (*Beija a mão de Pedro.*)

PEDRO (*que se levanta e senta-se com ella no sofá*)

Não, minha filha; bem vês que aqui estou. Hoje não vou ao escriptorio do Sr. Jorge de Almeida, já lhe mandei avisar desta minha resolução.

CÓRA

E fez muito bem. Eu tenho sempre muito medo quando o vejo longe de mim. Parece-me que a cada canto surge a sombra de meu senhor a perseguir-me como uma idéa fatidica que não nos deixa dormir. Oh! senhor Pedro, como eu soffro!

PEDRO

E eu, não soffro, filha? Tu és muito debil para passares as noites velando e sempre n'um constante costurar, e isto ha um mez, Córa. As vigalias fazem-te mal. Eu ainda tenho forças para trabalhar, a ti já não é pouco atrophizador este isolamento a que estás condemnada. Eu não te quero assim amofinada. Não tens ao teu lado o teu velho amigo, o teu estremecido pai adoptivo que tudo fará para ver-te feliz e um dia levantares a cabeça altiva e formosa no centro da grande sociedade, dominando com os teus olhares um mundo de alegrias e felicidades? Não temos aqui sempre ao nosso lado aquelle generoso amigo, aquelle character lhano e affavel do Sr. Carlos, para suavisar-nos as agruras desta vida? E' verdade que o ingrato ha um mez que não nos visita; a sua viagem ao Rio de Janeiro roubou-nos de nossa companhia.

CÓRA

Tem me causado serios cuidados esta longa ausencia do nosso bom amigo e meu salvador. Eu aprecio-o tanto.

PEDRO

E é digno, Córa, não só de nossa amisade como de tua gratidão. Ainda me lembro. Parece-me estar vendo como se fôra agora mesmo, lançar-se cheio de coragem e abnegação á furia do mar quando tu ias morrer afogada ao tomar a catraia do vapor. Foi um bravo para salvar-te, Córa! Nós ambos vinhamos então desalentados da fuga da *fazenda* de teu senhor em busca desta provincia e elle era nosso companheiro a bordo. Ainda echô-me aós ouvidos o panico que se destacou da tripolação e dos passageiros quando viram aquelle valente moço lançar-se ao mar como se fôra o genio do oceano, todo uniformisado, para arrancar-te das furias das ondas! Oh! foi um heróe! Lembras-te, Córa?

CÓRA (*limpando a furto uma lagrima*)

Se me lembro?! Nunca mais me esqueci daquella scena de horror. Lembro-me como se isto fosse agora mesmo, quando ao descer a escadinha do portoló falseou-me o pé e eu vi diante de meus olhos o abysmo pavoroso do oceano abrir as fauces n'uma loucura de contentamento para tragar-me sacioso. Depois... eu não vi nem senti os abraços traiçoeiros do mar. Quando tornei aos meus sentidos estava nesta casa que então era occupada pelo meu bom salvador, e o Sr. Pedro, e elle, o senhor Carlos, vigiavam junto a mim neste mesmo sofá em que agora estamos. Ah! meu bom protector, seis mezes não se esquecem assim tão depressa!

PEDRO

Não me agrada muito a recordação dessa scena. O coração ennuvia-se-me sempre quando tu me trazes á memoria aquelle triste acontecimento.

CÓRA

Nunca mais lhe farei lembrar o que para si é tão doloroso recordar. Conheço o sentimento do coração de meu bom protector e não será sua filha que o faça sangrar dores tão profundas e amargas.

PEDRO

Sim, minha filha, bem profundas e amargas que ellas são. Estas reminiscencias dôem-me muito n'alma! Foi em um naufragio, em que me salvaram tambem como a ti, quando ha 25 annos vendo-me arruinado e fallido no Amazonas, procurava o Pará para trabalhar e adquirir meios de subsistencia, que eu perdi meu filho, o primeiro e unico fructo de meu amor de esposo.

O infeliz tinha apenas um anno e só recebia os carinhos de seu estremecido pai, porque sua mãe havia morrido legando lhe a vida. Oh! minha filha, são muito dolorosas estas recordações! O oceano servio de tumulo á infeliz creancinha, levando tambem o unico santuario de minh'alma, a unica recordação do meu tempo de casado, o retrato de Clara em uma rodôma que eu lhe havia atado ao pescoço. Ah! Córa, ha dores tão profundas que só nos é dado sentil-as, nunca praguej-l-as!

CÓRA

Não fallemos mais em seu passado. Eu não o quero ver triste, meu bom protector.

PEDRO

Se tu soubesses, Córa, quanto eu o ámava. Tão pequeno ainda e já tão lindo! Quando os seus labios se entreabriam n'um sorriso infantil e seus deveis bracinhos me ciugiam a garganta, eu sentia um fluido magnetico invadir-me toda alma e sepultava no esquecimento todos os meus desgostos, todas as crueis adversidades que me acabrunhavam para só lembrar-me delle. Elle era para mim a aurora alviçareira dos meus dias na velhice; eu tinha phantasiado um mundo de glorias e felicidades para elle, e a morte, a traiçoeira leôa de negra côma, roubou-me-o para sempre deixando-me apenas no coração eternas e indeleveis saudades, e n'alma o isolamento, a tristeza e um vacuo a preencher!

CORA

E eu não estou ao seu lado, meu bom protector, para espancar parte a menos dorída de suas saudades; para suavisar-lhe ao menos com a minha companhia o isolamento de seu coração de pai?

PEDRO

Sim, minha filha. E eu bemdigo ao céo o ter-te encontrado já no descambar da vida, para amparar ao velho quando um dia não tiver mais forças para defender e vigiar a fragil captiva, que constitue hoje para os meus cincoenta annos a unica felicidade de quem já nada tem a aspirar neste mundo de miserias e vilanias. Obrigado, Córa. Eu saberei compensar tua filial dedicação, já que não me foi dado ser-te mais util nos ultimos dias da minha vida.

CORA

Sou eu que devo ajoelhar-me a seus pés e beijar-lhe reconhecida as mãos pelo muito que tem feito por mim. Eu não merecia tanto. Nasci captiva e desde o dia em que recebi o primeiro beijo materno, trago estampado em minha frente o estigma indelevel da minha raça proscripta. O que seria da pobre captiva sem lei, que lhe garantisse a sua honra das garras brutaes de um senhor devasso e infame, se o seu bom coração não se abrisse para recebê-la como filha, se os seus braços não se estendessem para salvá-la da deshonra e da miseria? Ah! meu bom protector, oxalá que a sua filha possa um dia significar-lhe a sua gratidão aos desvellos que lhe tem prodigalisado.

PEDRO

Obrigado, Córa. Eu acredito n'um Deus que vela por todos nós e que sabe ser justo e misericordioso para com a innocencia opprimida e sem amparo. Tem esperanza, minha filha, e não longe raiará a esplendida aurora de tua redempção. No Brazil já não é um sentimento antipathico a santa causa da liberdade dos captivos. O echo da remissão dos escravos de ha muito que se fez ouvir em seus alcantilados serros e os obreiros desse grandioso tabernaculo da igualdade são incansaveis na cruzada agigantada e altruista que desde 1871 abriu para este abençoado canto da America do Sul, novos arraiaes á sua vida social. O Brazil, minha filha, vai em breve erguer-se com a frente aureolada de bençãos e orgulhoso dessa lucta que o nobilita e engrandece no criterio e conceito dos povos civilisados. O tempo da barbaria vai desaparecer aos impulsos convulsivos da alavanca da civili-

sação, que como o simum dos desertos do Sahara vai varrendo deste solo brasileiro, este legado nefando e vergonhoso que lhe foi transmittido pela metropole portugueza. Ainda que tarde elle despertou desse lethargo que o ia aniquilando para expellir de suas florestas a panthéra traiçoeira e assassina do seu progresso, — a escravidão; e ensinar aos seus filhos os direitos extorquidos por uma lei caduca, condemnada e repellida por uma outra lei mais humana e racional: a lei da igualdade. Ao pobre e alquebrado velho é que não é dado ver a realização desse sublime *desideratum*, mas, tu, minha filha, que és ainda moça e cheia de vida, serás uma das sacerdotisas da grande idéa do seculo.

CÓRA

Oh! como consolam as suas palavras! Quanta felicidade e nobreza para os meus irmãos no dia em que neste paiz o direito de um for o direito de todos!

PEDRO

Este dia, Córa, não está muito longe. Hoje as leis do mechanismo social vão campando a par da evolução gradual para o progresso e perfectibilidade deste heroico povo brasileiro. O luminoso cataclysmo do seculo XIX vai em breve estiolar o ultimo élo da cadeia ferrenha da escravidão, vergonhosa pagina escripta nos faustos da sua historia e que não tem mais a sua razão de ser.

CÓRA

E só assim, meu bom protector, este paiz tão rico de seiva e tão sequioso de glorias, terá forças e energias para atirar se ás lutas do trabalho, que o engrandecerá, e levantar a fronte desse marasmo que o amesquinha. Oh! como é horrivel a escravidão, meu Deus! E vós, que sois pai dos desgraçados, até quando consentireis que vossos filhos sejam assim torturados e lançados a essa degradação que os perde, que os inutilisa aos grandes committimentos da existencia?! Ah! deve ser bem bonita a liberdade, meu protector!

PEDRO

Tu sentirás o beijo benefico dessa boa mãe em breve, minha filha. Eu procurarei meios de adquirir os elementos precisos para apresentar-me ao Sr. Tenente-Coronel Andrada e exigir-lhe a tua restituição á liberdade. Bem sabes que apenas ha um mez estou empregado no escriptorio do Sr. Jorge de Almeida, o que fiz para não morrermos de fome, pois o pequeno peculio que para

aqui trouxe escassiou-se nesse tempo. A generosidade do Sr. Carlos não obstante as minhas recusas, não consentio que deixassemos esta casa desde o dia em que aqui chegamos e que para ti ia sendo tão fatal, se não fosse a intrepidez de animo d'aquelle distincto moço. Acquiescendo ao seu expontaneo offerecimento só hoje conheço o beneficio que elle nos dispensou, minha filha.

CORA

E' um digno e amavel moço. E no entanto a pobre infeliz captiva não pôde levantar o rosto sem corar para corresponder todos os favores que elle nos tem prestado. Oh! que maldicta situação!

PEDRO

E tu amarás ao Sr. Carlos?! Não vês que mais tarde terias de derramar naquelle generoso coração o mais horrivel dos desganhos, Côra?

CÓRA (*sorpresa, procurando dissimular*)

Amal-o?! Não! Eu não o amo, meu bom protector. Bem sei que á captiva não cabe nem o direito de amar; que a escrava, menos do que a parasita do deserto, não tem coração para affagar e alentar este sentimento nato á toda animalia; interpõe-se a elle a lei do senhor que nos grita sempre irascivel aos ouvidos: "O escravo só deve amar o trabalho." O coração do captivo deve deslocar-se da caixa do peito para localizar-se no braço! Oh! amal-o eu?!

PEDRO

Côra, eu sei que o Sr. Carlos ama-te. Desde que me disse que ia á Côrte obter uma licença para melhor gosar de nossa convivencia, que adivinhei naquelle coração um sentimento estranho votado a ti, mas até então segredado, quem sabe? para ser-te revellado na sua volta a esta provincia. Prepara-te, porém, minha filha, para expellir de ti esta tendencia que poderia mais tarde ser-te fatal.

CÓRA

Comprehendo-o meu protector. E' necessario que eu seja a filhida deste amor que nascido da gratidão tem se arraigado no coração da escrava, para que mais tarde não nos abandone aquelle generoso homem ao saber que ama a uma captiva! Eu juro-lhe, meu protector, pela memoria de sua esposa que saberei guardar este sentimento dissimulando-a.

PEDRO

E' para teu bem que isto exijo, minha filha.guardo a vinda do Sr. Carlos para dizer-lhe que tenho de mudar de provincia, porquanto a tua saude não acclimatou-se com o céu de Pernambuco, e assim até do Sr. Carlos iremos viver longe e ignorados.

CÓRA

Oh! meu protector, mais isto é uma ingratidão para o nosso bemfeitor! (*á parte*) Deixal-o! Morrer longe delle!..

PEDRO

Mas uma ingratidão precisa e honrosa, Córa. Se aqui estacionarmos por mais tempo seremos descobertos e tudo será perdido. E agora que tanto temos feito, é necessario não destruímos os meios que te hão de salvar e rehabilitar para o mundo. E'-me muito doloroso deixar o nosso bom amigo, Córa; mas é a tua felicidade que assim o exige.

SCENA IV

OS MESMOS E DAVID

DAVID (*que entra do F.*)

Senhor meu amo?

PEDRO

Que queres?

DAVID

Não encontrei o senhor Jorge de Almeida em casa; mas lá deixei ficar a carta.

PEDRO

Fizeste bem. Manda preparar o almoço.

DAVID

Senhor sim, meu amo. (*Sae pela D. alta.*)

SCENA V

OS MESMOS MENOS DAVID

PEDRO (*a Córa*)

São nove horas, minha filha; mais tarde terei de ir á Passagem da Magdalena a mandado do senhor Jorge de Almeida.

CÓRA

Mas voltará logo, sim?

PEDRO

Logo que me for possível. O negocio de que me incumbio o senhor Jorge de Almeida, creio que é de pouca importancia. Uma transacção que elle pretende effectuar com um senhor alli morador e proprietario. E' a resposta deste contracto que vou buscar.

SCENA VI

OS MESMOS E DAVID

DAVID (*que entra da D. alta*)

O almoço está na mesa.

PEDRO (*a Córa*)

Vamos, minha filha. (*Entra com Córa pela D. alta.*)

SCENA VII

DAVID (*só*)

E' um mysterio a vida deste senhor Pedro. Tem-me feito doer cá a cabeça. Todo aqui reconcentrado em companhia da D. Lucia, sem amigos, sem visitas... A não ser o senhor Jorge de Almeida que aqui vem uma ou outra vez, nesta casa não entra viva alma. Nada! Aqui anda cousa!... A D. Lucia quando não cóse ou lê, está no jardim a tratar das flores, sempre receiosa e me ordenando que feixe o portão do jardim com muito cuidado. O senhor Pedro quando não está no escriptorio do senhor Jorge

de Almeida, é aqui todo reconcentrado, escrevendo, todo feixado que só um frade no convento! A's vezes chóra D. Lucia e o senhor Pedro parece tambem ás vezes querer chorar. Eu não os entendo! Rara é a vez que os vejo rindo, parecem um casal de monges! Nada!... Aqui anda mysterio!....

SCENA VIII

O MESMO E CORA

CÓRA (*da D. alta*)

Senhor David, meu pai chama-o.

DAVID

Vou de um pulo, senhora D. Lucia! (*á parte*). O que quererá o velho? (*Sae pela D. alta.*)

SCENA IX

CORA (*só. Senta-se junto ao consolo da E. e cóse distrahida-mente no tear*)

Cala-te, meu coração! A mão de ferro do destino cahio sobre ti para esmagar-te de uma vez! Supporta as agudas dores que te fazem chorar! Resigna-te, insensato! Louco! Pois tu ousaste acalentar a idéa de que poderias amar, idolatrar a elle, moço, titular, livre; tu que não tens seiva bastante para fazer rejuvenecer com minhas lagrimas este amor que é uma loucura, esta idolatria que é um crime? (*Deixa a costura e leva a mão ao coração.*) Oh! como me maltratas, perverso! Como tens cruel e impiedoso sabido vingar-te da minha obstinação ás tuas pulsações?! Dóe! Dóe mais, porque todo este soffrimento eu consagrarei a pyra em que se elabora todo este amor por elle. Ah! Carlos, quando um dia a infeliz captiva entregar seu corpo exangue e géllido á terra, vai, vai tu ler neste meu coração o thema sagrado do amor que em vida consagrei-te! E tu comprehenderás então, alma generosa, toda a extensão deste amor de escrava, que sepultou no amago do coração esta revellação que seria a sua felicidade, se não fosse a desgraça de nós ambos! Oh! Eu quizera a teus pés confessar-te tudo. Dizer-te allucinada de amor: Vês, Carlos? A mulher que salvaste da morte e que te inspirou este santo e sincero amor, que leio em teus olhos; a infeliz que erigiu em seu coração um culto para tributar-te, é... uma captiva! Oh! meu Deus, a que torturas fui lançada á este mundo! (*Pensativa.*)

SCENA X

CORA E CARLOS

CARLOS: *(do F. uniformisado)*

Lucia!

CÓRA *(sorpreheendida)*

Ah! Senhor Carlos?!

CARLOS

Eu, sim. O seu salvador que ha um mez que não tem tido pensamentos que não sejam para Lucia. Eu que ausente de si, receioso de uma ingratiidã, passei noites de vigílias, horas bem amargas e melancolicas.

CÓRA

Oh! Por Deus, não me falle assim. As suas palavras fazem-me mal! Eu já lhe disse uma vez que para o meu salvador eu nunca seria uma ingrata.

CARLOS

Obrigado, Lucia. Mas a minha ausencia de um mez, que para quem ama, como eu, é um seculo, não poude inspirar ao seu coração este sentimento que é para mim hoje, a unica felicidade que aspiro? Eu esperava encontrar em si a minha almejada gloria, e Lucia, sempre com esta indefferença que me aturde vem ferir-me mais com o dardo do desprezo. Ah! Ser ingrata assim quando se ama como eu, é ser-se cruel, Lucia!

CÓRA

Ingrata! E o senhor Carlos chama-me ingrata?! Ah! Sabe a luta cruciante e interna que eu sinto aqui? *(Põe a mão sobre o coração.)* Sabe o que eu tenho soffrido por sua causa?

CARLOS

Eu?! Eu o autor de seus soffrimentos?! Oh! Diga-me, Lucia! Falle, abra seu coração ao homem que a ama, mas que a ama com um amor puro e respeitoso. Deixe-me ler um a um os soffrimentos que nelle se abrigam. *(Córa baixa os olhos.)* Não me ama e diz que soffre?!

CÓRA

Não o amo?! E não lê em meus olhos a expressão do que me vai n'alma? Não vê que lhe devo a vida e que jamais poderei compensar a grandesa do seu sacrificio? Quer que eu lhe abra o meu coração? Quer horrorisar-se ao lêr a pagina negra do livro de minh'alma? Oh! fuja, senhor Carlos! Fuja conhecer um dia o thema que está escripto aqui. (*Põe a mão no coração. Quasi em delirio*) Amal-o eu?! Eu?! Uma loucura! Um delirio, essa idéa, senhor Carlos! Amal-o eu?! Eu que tenho o peito a regorgitar de gratidão para si!? Oh! E' cruel! Muito cruel! (*Chora*).

CARLOS

E chora?! Oh! Lucia! Lucia, não se envergonhe de tributar-me o seu amôr. (*Pega-lhe nas mãos.*) Lucia, faça-me feliz! Não queira ser inconscientemente a assassina de minha felicidade. Não queira matar uma a uma as risonhas esperanças que acalentam este amôr que é seu! Ama outro homem, não é? Ama-o muito e repelle-me? (*Largando-lhe as mãos.*) Ah! Eu já adivinhava! Não me tinha preparado para este golpe, Lucia!

CÓRA

Amar outro homem?! (*Quasi em delirio, tomando-lhe as mãos.*) Ah! Carlos, como é máo para mim?! Já vio alguma vez na campina a madresilva pendida para o chão ao calor de um sol ardente, e depois que o orvalho da noite derrama sobre a pobresinha as perolas do seu sorriso como ella revive, como ri tambem? Eu sou a madresilva do prado, tu és o sol do meu coração.

CARLOS (*estreitando-a enternecido*)

Oh! Falla! Falla mais! Eu quero embriagar-me na harmonia de tua voz divina que é para mim um balsamo de flores! Falla! Falla mais, Lucia!

CÓRA (*procurando conter-se n'uma luta interna e depois repellindo-o.*)

Oh! Não! Não! Eu não posso amal-o! Este amôr é uma loucura; seria um crime, senhor Carlos! (*A' parte, desviando-se.*) Oh! Eu enlouqueço, meu Deus!

CARLOS

Sempre esta obstinação, Lucia! Pois bem, eu procurarei esquecel-a! Irei para bem longe d'aqui sepultar no esquecimento

mais atrás este amor que só éra seu e que barbara e impiedosa matou-o para sempre! Nunca mais saberá d'aquelle que lhe deu a vida salvando-a da morte, e que acreditou por um instante poder acalentar n'alma o mais acrisolado amor pela senhora. Mas só lhe peço que, quando um dia lembrar-se que arrastou cruelmente para a desgraça o homem que foi seu salvador, não amaldiçõe a sua memoria.

CÓRA *(que tem estado a debater-se n'uma luta interna, não se podendo conter n'uma explosão de amor)*

Carlos! Carlos! *(Indo a elle, estaca á voz de Pedro.)*

SCENA XI

OS MESMOS E PEDRO

PEDRO *(da D. alta, prompto para sair)*

O senhor Carlos já de volta?! *(Abraçam-se.)*

CARLOS

Voltei inesperadamente para surprehendel-o. Não o fiz avisar, o que espero não levará a mal. *(Córa tem se sentado e distrahe-se com o tear.)*

PEDRO

Gracêja! Pois poderei molestar-me por tão agradável surpresa? A Lucia lembrava-me sempre o nome do seu salvador.

CARLOS

Agradeço a D. Lucia e confesso-me confundido. *(Sentam-se.)*

CÓRA

Não se esquecem tão depressa os amigos sinceros, senhor Carlos.

CARLOS

E' uma verdade que eu reconheço, porque nunca pode me esquecer do senhor Pedro nem de V. Exc.

PEDRO

Muito obrigado. Concluo os negocios que o levaram á Côrte?

CÓRA

O senhor Carlos demorou-se o tempo bastante para tratar dos seus negocios.

CARLOS

E' que V. Exc. não conhece a Côrte. Agita-se alli uma população mais ociosa do que trabalhadora n'um borbordinho fastidioso e infernal que o interessado por qualquer pretensão, vê-se com os ouvidos aturdidos, de maneira que muitas vezes se esquece mesmo do cumprimento de seus deveres. Eu chamo áquelle bolicio enfadonho do Rio de Janeiro a loucura dos festins de Balthazar, minha senhora.

CÓRA

Mas em compensação ha alli muito em que um viajante se distraía.

CARLOS

Ao viajante que por um méro recreio vai passear e investigar das bellezas da Côrte, minha senhora; ao que, porém, leva qualquer missão a desempenhar, todas essas distracções são quasi sempre incommodas e até mesmo prejudiciaes.

PEDRO

O senhor Carlos então não realisou as suas pretensões?

CARLOS

Realisei-as em parte. Obtive, como lhe havia scientificado, um anno de licença do ministerio da marinha. Preciso descançar da vida monotonica do mar, daquelle constante bordejar do vapor, que já me aborrece.

CÓRA

Não gosta então da carreira que abraçou?

CARLOS

Carreira que me legaram, minha senhora. Acredite o senhor Pedro, que se não fossem as circumstancias que se suscitaram no principio de minha vida, eu prefereria viver hoje na boa e santa calma da familia, se eu tivesse uma familia.

PEDRO

E o senhor Carlos não tem familia?!

CARLOS

Não tenho. Não sei quando nasci e nunca conheci as caricias de uma mãe, nem os sorrisos de um pai: Um homem que me criou talvez por compaixão e por não ter um unico filho, nunca revelou-me a origem do meu nascimento. Quando um dia exigilhe que me dissesse quaes eram meus paes, pois eu queria ter um nome sem macula na sociedade, o meu protector respondeu-me:—Quando concluires a tua carreira na escola de marinha eu te contarei a tua historia. Tu não és um filho espurio, console-te ao menos esta revelação; mas não tens familia, a tua familia sou eu.

PEDRO (*com interesse*)

E o senhor Carlos quantos annos tem?

CARLOS

A avaliar pela minha matricula na escola, devo contar vinte e cinco annos.

PEDRO

Vinte e cinco annos?! Continúe, senhor Carlos, continúe.

CARLOS

O meu protector morava no Rio Grande do Sul, e era um dos mais abastados commerciantes daquella praça. De origem franceza, viuvo e sem familia, todos os seus desvellos, todos os seus cuidados eram-me dispensados com uma prodigalidade de pai. Assim vivia eu gosando das mais risonhas felicidades, acariciado pelas mais lisongeiras esperanças, na convivencia de meus collegas de curso, quando um dia, fazem 10 annos, uma carta vinda do Rio Grande annunciava-me uma grande desgraça, que era toda minha aniquilação e que seria a de todo meu futuro.

PEDRO (*com interesse*)

Acabe, senhor Carlos!

CARLOS

O meu bom protector, o meu pai adoptivo, que era para mim o unico amparo e protecção no mundo, tinha sido assassinado uma noite em seu proprio escriptorio e toda a sua fortuna, que era toda solida e em dinheiro, completamente roubada.

CÓRA

Oh! Foi uma desgraça!

PEDRO

Assassinado e roubado?! E o assassino, senhor Carlos? O ladrão?

CARLOS

Ainda hoje eu não canço em investigar os meios de descobri-lo. O malvado criminoso, sem que ao menos se suspeite quem é, logo após a perpetração do barbaro assassinato, fugio.

PEDRO

E o senhor Carlos assim desamparado como continuou a sua carreira, depois desta lamentavel desgraça?

CARLOS

A morte de meu pai adoptivo abriu diante de meus olhos um caminho semeado de horrores e para mim impossivel de atravessar o. Eu tinha então ficado com 15 annos, e só, sem um braço que me amparasse e animasse a encarar as travessias da vida, eu vi desenrolar-se a meus olhos um futuro negro e pavoroso, e tentei suicidar-me.

CÓRA

Queria morrer?

PEDRO

Tão moço, tinha muito que esperar.

CARLOS

E' que eu não tinha bastante experiencia do mundo, senhor Pedro, e acredite que se não fosse um collega do curso que me desviasse dessa horrivel idéa, eu teria levado a effeito o meu horroroso plano. Os meus companheiros então exigiram que eu continuasse os meus estudos, que elles sem sacrificios realizariam as boas intenções do meu protector. Accedi a tão expontaneo offercimento.

CÓRA

Generosos corações aos quaes Deus recompensará.

PEDRO

Procederam como verdadeiros amigos. Foi um tributo ás qualidades distinctas e ao robusto talento que ornaram ao senhor Carlos.

CARLOS

Diga antes, foi a compaixão que os moveu. Assim auxiliado pelos meus collegas completei o meu curso e uma vez terminado o meu tirocinio academico, lancei-me á vida pratica, ao torvellinho do mundo, com uma divida sagrada a pagar: vingar a morte do meu infeliz e desventurado pai adoptivo. O que hoje sou, portanto, senhor Pedro, devo áquelle bom homem que em vida se chamou Jeronymo de Villemy.

PEDRO

E agora com a sua ida á Côrte nada colheu com relação aos assassinos daquelle generoso homem?

CARLOS

Nenhuma informação obtive. Procurei, porém, activar, não só as autoridades, como incumbi a um meu amigo e collega, com quem muito identifiquei-me na escola, que tomasse em séria consideração cogitar o mais cuidadosamente possivel no Rio Grande do Sul, para onde seguio e tem familia, do descobrimento do barbaro criminoso e acredito que elle não descansará na indagação minuciosa desta importante missão.

CÓRA

A justiça divina punirá tão monstro assassino, que ia lançando no abysmo do desespero uma das mais bonitas esperanças deste paiz.

CARLOS

Obrigado, D. Lucia. Eu tambem sei aceitar as lisonjas.

PEDRO

E' uma justa homenagem que lhe faz a Lucia.

CÓRA

Lisonja?! Ah! Tem razão! (*á parte*) Lisonjeal-o quando o amo tanto!

SCENA XII

OS MESMOS E DAVID

DAVID (*do F.*)

O senhor Jorge de Almeida quer fallar ao senhor Pedro.

PEDRO

Abre-lhe o portão e que entre. (*David sae.*)CÓRA (*á parte*)

Oh! Este homem?!

CARLOS (*a Pedro*)

Se o estorva a minha presença

PEDRO

Ao contrario, agrada-me muito. Terei occasião de apresentar ao senhor Jorge de Almeida, o salvador de Lucia.

CARLOS (*á parte*)

Deve ser o seu noivo!

SCENA XIII

OS MESMOS E JORGE D'ALMEIDA

J. D'ALMEIDA (*do F.*)Bom dia ao senhor Pedro. (*A Córa.*) D. Lucia. (*Corteja Carlos que lhe corresponde friamente.*)

PEDRO

Não esperava o senhor Jorge de Almeida. Ha pouco mandei avisal-o que hoje não me era possivel ir ao escriptorio, mas que iria á Passagem da Magdalena.

J. D'ALMEIDA

Não recebi a sua comunicação. Desde pela manhã que sahi e não o vendo chegar á hora acostumada, julguei-o adoecido e vim visital-o. (*A parte.*) Suppunha enconral-a só!

PEDRO

Obrigado pelo seu cuidado. (*Apresentando-lhe Carlos.*) Tenho a satisfação de apresentar-lhe o salvador de Lucia, o senhor 1.º tenente de marinha Carlos. . . . (*O mesmo a Carlos.*) O senhor Jorge de Almeida, capitalista nesta praça e em cuja casa sou empregado. (*Carlos e Jorge cumprimentam-se indifferentes e sentão-se ao offerecimento de Pedro. Côra distrae-se com o tear.*)

J. DE ALMEIDA

O Sr. capitão Carlos de. . . V. S. deve ter um nome de familia.

CARLOS

Quando não se tem familia tem-se simplesmente o nome de baptismo. No collegio usava eu do sobrenome de meu protector e chamava-me Carlos de Villemey.

J. DE ALMEIDA (*sobresaltado*)

Carlos de Villemey?! (*dissimulando*) Ah! Sim! Então o senhor capitão não tem familia? E' um filho espurio? (*á parte*) Carlos de Villemey?!

PEDRO

O Sr. Carlos teve uma familia que não conheceo, Sr. Jorge de Almeida.

CARLOS

Um filho espurio?! Podia ser uma vergonha para mim, Sr. Jorge de Almeida, repetil-o, se os filhos espurios tambem não tivessem pai e mãe.

J. DE ALMEIDA

Eu conheço muito dessa anomalia em nossa sociedade. Oh! Desculpe-me o Sr. capitão. Longe de mim uma supposição menos digna de V. S. E' uma raça quasi sempre feliz para a qual o destino, em prejuizo de outros, prodigalisa sempre os seus favores.

 PEDRO

Nem sempre assim acontece, Sr. Jorge de Almeida.

CARLOS (*intencionalmente*)

O Sr. Jorge de Almeida falla talvez com experiencia.

J. DE ALMEIDA

Tenho uma longa pratica do mundo, senhor Capitão, e conheço muito as mazellas que affectam a sociedade. E acreditem, meus amigos, que se estivesse em minhas mãos sanar o grande mal, que asphixia a nós os ricos, eu estrangularia a todo homem sem familia e sem um nome social, que nos honrasse, e que são as nossas mais insaciaveis sanguessugas.

CORA

Oh! o senhor é bem máo!

CARLOS

Não. O Sr. Jorge de Almeida não é máo... Quem sabe se já não foi alguma vez victima de um desses homens sem uma familia e... sem um nome!

J. DE ALMEIDA

Até aos 30 annos affirmo ao senhor Capitão que nunca tive o desprazer de dispensar a minha amisade senão a pessoas dignas della. Esta gente tem-me assim a semelhança das pragas do Egypto, meu amigo. Só o contagio dessa raça nos envenena.

PEDRO

E' por demais injusto e precipitado em seu modo de julgar, Sr. Jorge de Almeida. Ha homens que sem familia, e sem mesmo um nome que os recomende ás exigencias insulsas da sociedade, são verdadeiros caracteres distinctos....

CARLOS

Que não sabem, acobertados pelo ouro e por um nome as mais das vezes adquerido infamemente, occultar hypocritamente as vilanias de uma alma impedernida e gasta pelas depravações de um egoismo torpe e ignobil. A essa casta de gente, Sr. Jorge de Almeida, eu chamo *parasitas sociaes*.

J. DE ALMEIDA

Paixão! Paixão! O senhor Capitão falla talvez ferido em seu amor proprio. Agucei-lhe talvez de mais a susceptibilidade.

CARLOS

Fallo com a experiencia de 25 annos e com o resultado de um estudo serio e investigador que tenho feito a respeito dessa parte infectante da nossa sociedade. E digo-lhe que se eu fosse um homem sem familia, nascido espuria e criminosamente, quando encontrasse um dia em meu caminho um desses parasitas, em vez de honral-o em me hobreando comsigo, esmagal-o-hia, com os tacões de minhas botas. Era ao menos um bem que eu prestava aos homens de criterio.

J. DE ALMEIDA

Seguia simplesmente os instinctos de sua raça. Elles são mesmo assim, senhor capitão. Vivem de nós, roubam-nos o que honradamente adquirimos á custa de muito trabalho e acabam por nos quererem esmigalhar com os tacões de suas botas. (*Ri.*) Ah! ah! ah!

CARLOS (*levantando-se*)

Sr. Jorge de Almeida!

J. DE ALMEIDA

Feri-lhe a fibra mais delicada de sua vida. Perdôe-me o Sr. Capitão.

PEDRO

E' conveniente terminar este jogo de phrases menos agradaveis, Sr. Jorge de Almeida.

CORA (*baixo a Carlos*)

Sr. Carlos, não se inutilise.

CARLOS

Um dia eu farei conhecer ao Sr. Jorge de Almeida o nome de meu pai e . . . uma familia que tenha os instinctos de minha raça.

J. DE ALMEIDA (*d parte*)

Es um rival e eu não te perderei de vista!

PEDRO (*procurando desviar a conversação*)

O Sr. Jorge de Almeida não ordena mais nada a não ser a minha ida hoje á Passagem da Magdalena?

J. DE ALMEIDA

E' só no que hoje tenho grande empenho. Amanhã teremos novas transações, cujos juros serão amontoados ás pilhas dos meus cofres (*aperta a mão de Pedro*). Até amanhã (*á Carlos*). Espero c dia em que achar seu pai e... a sua familia (*cumprimenta e sae rindo pelo F*).

SCENA XIV

OS MESMOS, MENOS JORGE DE ALMEIDA

CARLOS

Sr. Pedro, este homem não nutre a seu respeito boas intenções. Acautelle-se, portanto, e previna-se das ciladas que lhe possam ser armadas por elle.

PEDRO

Não o sympathiso, confesso. Desde que sou seu empregado que tenho procurado fazer um estudo detido e psychologico sobre a vida deste homem e tem-me sempre frustrado o seu genio leviano e pouco comprehensivel.

CÓRA

E' um homem de um character todo duvidoso.

CARLOS

E' talvez um desses párias que, acobertado pelos faustos da riqueza, não passa de um miseravel proletario, que se alimenta nas trevas como o abutre, da honra e dignidade alheias.

PEDRO (*a Carlos*)

Sae commigo ou fica? E' como melhor lhe for.

CARLOS

Acompanho-o tambem. Tenho que dar cumprimento a alguns negocios de que me incumbiram na Côte.

PEDRO

Então, vamos.

CÓRA (*a Carlos*)

Mas não se demorará muito, sim ?

CARLOS

Voltarei á tarde. Bem sabe que sou seu hospede.

PEDRO

Com o que muito nos honra e alegra. (*Carlos despede-se de Córa e sae com Pedro pela E. A.*)

SCENA XV

CORA, DEPOIS DAVID

CÓRA

Oh! Como eu o amo! E não poder revellar-lhe este amor que é a minha unica consolação nesta vida! Meu Deus, para que eu nasci captiva?! Para que me deste um coração quando elle não podia amar? E terei de assim viver eternamente, sempre proscripção e amaldiçoada do mundo? Matar aos vinte annos um amor que começa agora a nascer com as escandescencias de uma aurora de Maio? Ter de sepultar no isolamento de meu peito um coração que palpita e que se abrasa na chamma intensa de um primeiro amor! Oh! Arrancai-me a vida, mas poupai-me o sofrimento, Senhor! A fragil captiva já não tem forças para esta luta do amor com o dever, do dever com a vergonha, da vergonha com o desesperc! Oh! Que elle nunca saiba que uma escrava tentou macular o seu nome, inspirando-lhe um amor indigno d'elle.

DAVID (*do F.*)

Meu amo?

CÓRA

Saiu, David. O que queres ?

DAVID

Vinha trazer-lhe esta carta chegada pelo vapor de hoje.

CÓRA

Uma carta? De onde?

DAVID

Pelo carimbo parece ser do Pará.

CÓRA

Do Pará?! Dá-m'a! (*Toma a carta. A' parte.*) Meu Deus, o que será? (*Abre a carta e lê convulsa.*) Oh! descoberta! Está tudo perdido, meu Deus! (*A' David, aturdida.*) Podes te ir embora... Sim... Eu entregal-a-hei a meu pai..

DAVID

De que se assustou, D. Lucia; alguma desgraça?

CÓRA

Nada.. A policia acaba de descobrir os autores de... de um roubo de que foi victima meu pai no Pará.

DAVID

Muito bem! E agora que os malvados aguentem-se na ratoeira (*sae pelo F.*)

SCENA XVI

CORA E LOGO JORGE DE ALMEIDA

CÓRA (*afflictissima*)

Oh! Estou perdida! Esta carta de um amigo do Sr. Pedro avisa-lhe de que no Pará ha suspeitas de que elle e a escrava Córa acham-se foragidos em Pernambuco. Estamos descoberto. Meu Deus, tende compaixão de nós! (*vai sair, estaca á voz de J. de Almeida.*)

J. DE ALMEIDA (*do F.*)

D. Lucia!

CÓRA

Ah! (*guarda a carta receiosa*) O senhor aqui? Meu pai acaba de sair e já vê que...

J. DE ALMEIDA

Era isto mesmo que eu esperava. Aguardava o momento, minha senhora, de estar a sós consigo para derramar no seu coração todo este martyrio, que me maltrata, todo este amor que me engrandece; para dizer-lhe que a amo.

CÓRA

Senhor!

J. DE ALMEIDA

Oh! Não seja cruel, minha senhora! Não queira com uma só palavra sua aniquilar um futuro de felicidades que eu lhe offereço. Não queira que com o seu desprezo eu enlouqueça agora aos 30 annos, quando suppunha não ter mais no coração uma particula de amor, e que a senhora ateou-a tão intensa e ardentemente.

CÓRA

Mas eu não o amo, senhor Jorge de Almeida!

J. DE ALMEIDA (*indignado*)

Mas ha de amar-me, eu o exigo. Eu far-lhe-hei trocar esse amor que lhe inspirou um engeitado por um outro mais nobre, mais digno de si! Ah! A senhora não me ama?

CÓRA

E nunca o amarei. E' a minha ultima palavra.

J. DE ALMEIDA

A sua ultima palavra?! Pois bem! Foi V. Exc. que despertou no meu coração este odio reconcentrado que eu voto a esse engeitado a quem a senhora ama; a esse filho espurio que deve á caridade de um homeni generoso ser hoje 1.º tenente de Marinha. Está aberta a luta, minha senhora.

CÓRA

E atreve-se?!

J. DE ALMEIDA

Eu não a amo! Foi um gracejo! Mas odeio e odeio muito esse homem que a senhora adora. Ah! ah! ah! Eu amar V. Exc.!

Uma mulher que não tem fortuna só pode ser amada e digna de um homem como (*acentuando a phrase*) o Sr. Capitão Carlos!... São dois engeitados que muito bem se identificam: um engeitado da familia, outro dos bens favoraveis da fortuna.

CÓRA

Senhor!

J. DE ALMEIDA (*sarcastico*)

Eu amar V Exc.! Vir como um suicida sacrificar 30 annos de trabalho honrado, uma fortuna adquirida nobre e laboriosamente, aos pés de uma mulher pobre e sem um nome social?! Foi um gracejo de velho simplesmente, minha senhora!

CÓRA

Senhor, quem tem coragem para injuriar uma mulher só e sem forças para reagir, só é digno de desprezo e de commiseração! Eu o desprezo, Sr. Jorge de Almeida!

J. DE ALMEIDA

Já é uma honra que eu de bom grado agradeceria á V. Exc. Amanhã, quando seu pai chegar ao meu escriptorio, eu dar-lhe-hei a recompensa de seu desprezo despedindo-o dos meus serviços. E então quando um dia a miseria bater-lhe á porta seguida do seu cortejo de horrores, a senhora terá remorsos de ver o seu velho pai alquebrado estender a mão escarnada á caridade publica para não morrer de fome.

CÓRA (*supplicante*)

Oh! Por Deus, senhor! Compaixão! Quer que lhe caia aos pés para beijar-lhe as mãos? Oh! tudo farei. Amal-o-hei mesmo! Mas tenha compaixão do pobre velho que já no occaso da vida teria de morrer á falta de quem o amparasse! (*Ajoelha-se.*)

JORGE DE ALMEIDA (*em attitude, cruza os braços e n'uma estrepitosa gargalhada*)

Eis abatido todo o seu orgulho, minha senhora! Mais eu já lhe disse que não a amava.

CÓRA (*erguendo-se indignada*)

Oh! O senhor é um perverso! E' um cobarde! Saia! Esta casa é muito honrada para poder contel-o!

J. DE ALMEIDA

E pequena para que eu me hombreie com um engeitado.

CÓRA

Saia, já lhe disse!

J. DE ALMEIDA (*flegmatico*)

E se eu lhe disser que não saio?! Se eu lhe disser que estamos aqui sosinhos? O seu criado bem longe daqui? O portão do jardim fechado... Se eu lhe disser que a senhora pode agora pagar-me bem caro esse vocabulario de injurias e improperios e ser não a esposa do Capitão Carlos, mas a amante de Jorge de Almeida?

CÓRA

Senhor! Abusa da minha situação! E' um monstro!

J. DE ALMEIDA (*tomando-lhe as mãos*)

Um monstro que deseja saciar ainda mesmo na deshonra este amor criminoso que a senhora lhe inspirou.

CÓRA (*procurando desviar-se*)

Senhor! Senhor, por Deus! Por compaixão!

J. DE ALMEIDA

Compaixão! E teve a senhora de mim? (*procurando conchegal-a*) Agora a luta ou a morte.

CÓRA (*afflictissima*)

Accudam-me! Accudam-me! Largue-me, Senhor!

SCENA XVII

OS MESMOS E CARLOS

CARLOS (*entra do F., agarra no braço de J. de Almeida e atira-o ao canto da scena*)

O que fazia, miseravel?!

CÓRA

Ah! Carlos, salve-me pela segunda vez.

J. DE ALMEIDA

Eu... procurava o caminho mais directo de levar aos braços da amante o engeitado apaixonado.

CARLOS

Infame! (*dá-lhe uma bofetada*)

Insolente! J. DE ALMEIDA (*recua e avança*)

Senhor! CÓRA (*interpondo-se*)

CARLOS

Saia ou eu o estrangularei!

J. DE ALMEIDA

Ah! Carlos de Villemey, tu me pagarás bem caro! (*sae precipitado pelo F.*)

SCENA XVIII

OS MESMOS MENOS J. DE ALMEIDA, E LOGO PEDRO

CÓRA

O que fez, senhor Carlos?

CARLOS

Paguei ao miseravel vampiro o abusar de uma mulher fragil como tu.

CÓRA

Oh! Obrigada! Deixe que pela segunda vez lhe beije as mãos reconhecida (*ajoelha-se*).

CARLOS (*erguendo-a ao tempo que Pedro apparece ao F.*)

Lucia!

Cae o panno

TERCEIRO ACTO

—

A **DESCOBERTA**

PERSONAGENS DESTE ACTO

Barão de Atalaia.
Córa.
Commendador Avellar.
Jorge de Almeida.
Pedro.
Carlos.
Arthur de Souza.
Julio de Lemos.
Um criado, de libré.
Convidados.

ACTO III

Sala de columnatas ricamente ornada em casa do Barão de Atalaia, deixando ver-se ao fundo o salão do baile illuminado, onde volteiam os convidados. Ao lado E. no 1. plano joga o Barão de Atalaia em companhia do Commendador Avellar e alguns convidados. A' D. no 2. plano outra mesa em que jogam Arthur de Souza, Julio de Lemos e outros rapazes. Ao subir do panno ouve-se a orchestra no salão do baile tocar uma walsa. Jorge de Almeida ao F. observa com interesse Carlos e Córa que passam walsando no salão. Candelabros e lustres dão á scenã uma perspectiva de festa.

SCENA I

BARÃO DE ATALAIA, COMMENDADOR AVELLAR, ARTHUR DE SOUZA, JULIO DE LEMOS, JORGE DE ALMEIDA E CONVIDADOS (*que durante o acto passeiam pelo salão.*)

ARTHUR (*como trazendo a conversação de longe*)

No entretanto é justo confessar que a escravidão é um prégo atado á roda do carro do progresso do Brazil. Afianço-lhes que se o governo de ha muito tivesse tomado medidas no sentido de extinguir para sempre e de uma só vez deste sólo uberrimo e fertil o trabalho escravo, outras seriam as vantagens que teriamos a enumerar em relação ao nosso adiantamento material e outros seriam ainda os beneficios dispensados ao nosso estado moral.

J. DE LEMOS

E' uma verdade inconcussa. Não sei como se admittir esta colligação:—ser-se brasileiro e escravagista.

ARTHUR

E' uma tendencia que nos foi legada, dizem elles, mas uma tendencia criminosa e deshumana e um legado vergonhoso e ignobil. (*Continuam a jogar.*)

BARÃO (*ao Commendador*)

Está hoje com a veia da felicidade, Commendador Avellar.
Eu paro mais 100\$000 rs.

COMMENDADOR (*distribuindo as cartas*)

Az.... Rei.... Ganhei!

J. DE ALMEIDA (*deixando a posição e dirigindo-se ao grupo*)

Então, está perdendo, senhor Barão?

BARÃO

Quando não ganho.

COMMENDADOR (*jogando*)

Ainda az e.... rei.

BARÃO

Mais cem mil réis! (*Um criado de libré entra e distribue em uma bandeja com copos, cerveja aos dous grupos. Sae a seu tempo.*)

J. DE ALMEIDA (*sempre de pé*)

Eu junto mais outros cem!

COMMENDADOR (*ao Barão*)

Ganhei ainda. (*A Jorge.*) Agora nós! (*Corre as cartas.*) Perdi para o senhor Jorge de Almeida.

J. DE ALMEIDA

Ainda az e.... sóta.

COMMENDADOR

Duzentos mil réis no az! (*Distribue as cartas.*)

J. DE ALMEIDA

Az e.... sóta. (*Ao Commendador.*) Já vê que perdeu.

BARÃO

A' sóta quinhentos mil réis!

J. DE ALMEIDA

Vai perder, verá! (*Depois de jogarem.*) Perdeu na sóta. (*Continuam a jogar.*)

ARTHUR

Mas então o que querem? E é a nós os abolicionistas que cumpre estabelecer leis para localização do trabalho dos libertos? Que garantam a nossa segurança individual? Que façam do escravo livre um homem prestavel e util á sociedade? Os abolicionistas podem legislar? Pois o governo, em cujo seio conta tantos estadistas illustrados, ao menos é esta a presumpção...

JULIO DE LEMOS

Presumpção que não passa de uma pretensão e nada mais.

ARTHUR

Este governo não vê o perigo que nos ameaça? Não tem elle bastantes elementos para prevenir o mal que nos possa advir na opinião bestial dos taes senhores de escravos, na hypothese urgente e necessaria da completa abolição da escravatura brasileira? Meus amigos, a questão da extincção do elemento servil se por um lado é muito melindrosa, na phrase da *chapa* escravagista, por outra feição mais criteriosa e coadunavel com a razão, com os principios de humanidade, é um empenho de honra e dignidade que deve ter a sua solução dentro de pouco tempo.

JULIO DE LEMOS

Já que a evolução é tardia em produzir os seus effeitos, venha a revolução. Eu acompanho a opinião de um sabio pensador: Para os grandes males grandes remedios. E' a minha fraca opinião a respeito desse grande problema.

TODOS (*do grupo*)

Apoiado! Apoiado!

ARTHUR

Deve ser esta a medida salvadôra que nos espera. (*Continuam a jogar.*)

BARÃO

Dois contos! Quero ver até onde chega a sua felicidade, senhor Jorge de Almeida.

J. DE ALMEIDA

Dois e valet!

BARÃO

Jógo no valet.

J. DE ALMEIDA

Dois. Perdeo, senhor Barão.

BARÃO

Não jógo mais. (*Levantam-se.*)

J. DE ALMEIDA

Foge da luta, senhor Barão? (*Cessa a walsa.*)

BARÃO

Preciso tambem distribuir parte de minha attenção com os meus convidados.

COMMENDADOR

E walsar. O senhor Barão ainda está forte e robusto.

J. DE ALMEIDA (*ao Barão*)

Convido-o para meu *vis-a-vis* no primeiro lanceiro. Sim?

BARÃO

Bem vêm os meus amigos que reuno hoje em minha casa o *hif-life* da sociedade pernambucana, para solemnisar o anniversario do meu casamento. E' justo, pois, que tambem nos divirtamos.

J. DE ALMEIDA (*á parte*)

Em quanto que eu investigarei. Ah! Carlos de Villemy, has de me pagar bem caro! (*Alto.*) Vamos, quero erguer um brinde aos felizes protogonistas da festa de hoje.

BARÃO

E' muita bondade. Eu lhe agradeço reconhecido a distincção. Vamos. (*Ao tempo que vão saindo pela E. F., Carlos entra de braço com Côra pela D. F.*)

J. DE ALMEIDA (*ao vel-os entrar estaca e contempla-os*)

Que relações de semelhança! (*Sue ao tempo que o grupo de rapazes levanta-se. Carlos e Córa sentam-se no sofá.*)

ARTHUR (*aos rapazes*)

A musica e o prazer chamão-nos ao salão do baile, meus amigos. E' preciso que não nos façamos de mysantropos. (*A' parte, olhando para Córa ao sair.*) E' a sua photographia!

JULIO DE LEMOS

A' folia e ao prazer em quanto a morte não chega. (*Sacm pela D. F.*)

SCENA II

CORA E CARLOS (*uniformizado á grande galla de 1.º tenente de marinha, e Córa, que tem estado a conversar no divan*)

CARLOS

Então, porque não me revela o motivo de sua tristeza, Lucia? O que tem? O que soffre! Não é aqui admirada por todos, lisonjeada por essa multidão de convivas? Porque não quiz walsar ha pouco, Lucia? Falle! Deposite no coração do seu salvador ás dôres e sentimentos do seu.

CÓRA

Eu nada tenho, senhor Carlos; eu nada soffro! Posso eu soffrer quando o tenho ao meu lado, prodigalizando-me o seu . . . zêlo e cuidado? O baile faz-me mal. A athmosphera que alli se respira é impregnada de muita lisonja, de muito fingimento e me suffoca. E'-me mais suave estar aqui ao pé de si, que nunca teve lisonjas para a sua reconhecida Lucia!

CARLOS

Se a fiz vir ao baile do senhor Barão de Atalaia, foi para vê-la alegre e expansiva no meio desta festa, dominando com a fascinação da sua formosura um mundo de adoradores que lhe rendem cultos, e orgulhoso de mim apresental-a a esta sociedade como a mais bella e formosa mulher deste sarão. Espanque por um instante, eu lhe peço, esta tristeza que a acabrunha tanto.

CÓRA

Mas eu não estou triste. Este enuviamento que lê em meu rosto é o effeito doloroso de um presentimento que me rala o coração! Ah! senhor Carlos, este homem aqui!... Elle procurará desaggravar-se daquelle acontecimento.

CARLOS

Quem?! O senhor Jorge de Almeida?... Nada receie, Lucia. Bem vê como o tenho tratado neste baile; nem o encaro. Eu saberei evitar qualquer escandalo menos honroso a que este homem pretenda expôr-me. Vamos; eu quero vê-la alegre e sem receios. Porque não queria dançar commigo a ultima walsa?

CÓRA

Porque... doía-me a cabeça e eu entonteço muito na walsa.

CARLOS

Finge! Procura dissimular um sentimento que eu leio em seus olhos! Ah! Lucia, envergonhava-se de walsar comigo, não foi? Mas eu não a odeio por isto; sou pobre e não tenho familia...

CÓRA

Oh! não continúe, senhor Carlos! Deve já ter visto em mim uma mulher que tudo fará para satisfazel-o. Pedio que viesse ao baile de hoje e o seu pedido foi uma ordem que eu recebi sem escrupulos. Ah! Não me taxe de ingrata! Ha no meu coração muita gratidão para si e muito reconhecimento aos seus favores.

CARLOS

Gratidão?! Sempre esta palavra, Lucia! Quando eu lhe peço amor, quando eu quizêra ser o unico ideal que enchesse o vacuo do seu coração, n'um retrahimento que eu não comprehendo e que tanto me faz soffrer, apenas me dispensa gratidão! Ah! Lucia, para que é cruel para mim? O que ha em sua vida que possa distanciar os nossos corações? Prometta-me ao menos que cantará esta noite. Eu sinto em mim um contentamento, uma ufanía excessiva ao ver todos estes admiradores cahidos a seus pés, nessa adoração que a nobilita e que me enche de orgulho! Lucia, que nunca saiba comprehender a sinceridade do meu amor.

CÓRA

Sempre esta linguagem, senhor Carlos, a sangrar-me o coração. Eu sou muito infeliz! Para que me trouxe a este baile, se duvidava que o unico prazer que eu teria éra estar sempre ao seu lado? Ah! Senhor Carlos, um dia conhecerá o quanto lhe amei e o quanto lhe fui grata. Julga-me uma mulher sem coração, não é? Pensa que é facil dizer-se ao homem a quem se deve a vida e a honra: Vês? Eu te amo muito, mas a revelação deste amor seria um opprobio para ti, uma deshonra para quem só deve tributar-te gratidão e affectos!

CARLOS

Não comprehendo, Lucia; mas confesso-lhe que toda esta sua indifferença, estes receios e recusas ao meu amor muito me têm feito soffrer.

CÓRA

Mais tarde terá de agradecer-me o quanto fiz por si, o quanto soffri callada e sem ter ao menos uma consolação. Ah! senhor Carlos! Eu não sei para que nasci!

CARLOS

E maldiz da vida! Se hoje seu pai aniquilado por um capricho da sorte não póde dispensar-lhe todas as regalias que constituam a sua alegria, a sua felicidade, um homem que a ama e que muito ainda póde trabalhar, offerece-se para seu esposo, Lucia; e no eutanto recusa-o matando uma a uma as suas mais fagueiras esperanças.

CÓRA (á parte, baixando o rosto)

Oh! Quanto martyrio!

CARLOS

Falle! Porque baixa o rosto sempre que lhe fallo? Que mudança é esta que se tem operado em si? Responda.

CÓRA

Senhor Carlos, eu quizéra abrir-lhe minha alma; eu quizéra poder revelar-lhe um segredo que me atormenta. Oh! mas não posso. . . não devo!

SCENA III

OS MESMOS, JORGE DE ALMEIDA E ARTHUR DE SOUZA
(*que entram da E. F.*)

ARTHUR

E ganhou bastante o senhor Jorge de Almeida?

J. DE ALMEIDA

Uma ninharia! O senhor Barão fugio do campo da luta, dando-me apenas de lucro dez contos de réis.

ARTHUR

Adquiridos dentro de poucas horas, já não é muito máo o negocio. (*Senta-se junto a mesa da E.*) Eu não gosto do jogo, senhor Jorge de Almeida; se o faço ás vezes é por distracção e coagido pelos amigos. Muita vez é necessario correspondermos as exigencias da sociedade, cujas leis conhece-as perfeitamente. (*Carlos e Côra dão-se os braços e saem pela D. F., enquanto Jorge contempla-os com interesse.*)

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS CARLOS E CORA

ARTHUR

Um elegante par este que acaba de sair, não acha?

J. DE ALMEIDA

Nasceram um para o outro; estão em relação directa: um engeitado e uma mulher sem fortuna.

ARTHUR

Mas rica de belleza. Na mulher, segundo a minha humilissima opinião, eu distingo duas unicas qualidades: uma physica e outra moral:—a belleza de contornos e um coração puro e virtuoso.

J. DE ALMEIDA

E no engeitado? (*Senta-se ao lado de Arthur.*)

ARTHUR

O ser engeitado não é ser desprezível, senhor Jorge de Almeida; ao contrario, seja uma extravagancia minha; admiro e tributo mais sympathias ao engeitado que sem familia soube elevar-se na sociedade a uma posição honrosa, adquirida por força de vontade, e nobreza de trabalho, do que ao millionario que muita vez tendo uma familia, é um falsario que obteve á custa de muita villaniã essa riqueza ficticia, que é muitas vezes tão leviana e transitoria como a sua propria vida.

J. DE ALMEIDA

E' a philosophia moderna, meu amigo. Mas os philosophos de sua escola hão de reconhecer que mais vale ter-se fortuna sem indagar dos meios por que se a adquerio, do que ser-se muito honrado e morrer-se á fome na enxerga d'um hospital. Tambem isto é uma philosophia.

ARTHUR

Mas uma philosophia que não tem bases, uma philosophia falsa e que não póde ser aceita e abraçada pelos homens criteriosos. O senhor Jorge de Almeida não falla com convicção, gracêja simplesmente; a menos que não queira que eu formule a seu respeito um juizo pouco honroso ao seu caracter de homem rico. Já vê que tenho razão em não acreditar-o sacerdote de uma philosophia tão extravagante e ultra-racional.

J. DE ALMEIDA

Pois garanto-lhe que é este o meu modo de pensar. Diga-me, senhor doctor, a utilidade que nos administra na vida social um homem engeitado, sem um nome, sem uma familia ao menos pela qual possa ser considerado? Ah! Eu sei que o senhor doctor falla nesta linguagem arrebatadôra, conhado nos altos dotes intellectuaes de que dispõe; não posso, porém, mesmo conceber que pense seriamente pela fórmula por que se exprime.

ARTHUR

Obrigado. Estou pouco acostumado a fingir o que não sinto e a mascarar-me hypocritamente para exprimir sentimentos que não possuo. Vou dizer-lhe a utilidade social do homem engeitado, para quem a fortuna nunca teve um sorriso bom para prodigalizar-lhe, e o qual nunca gosou das caricias de um pai nem dos estremecidos conchegos de uma mãe.

J. DE ALMEIDA

E' portanto uma prelecção de moral que me vai fazer o senhor doctor.

ARTHUR

Mas uma prelecção que não se tornará enfadonha. Eu conheço, senhor Jorge de Almeida, em nossa sociedade homens que tendo uma familia, não têm uma fortuna que os endeóse; assim atiram-se ao mundo calcando todos os sentimentos de dignidade, dominados por uma ambição sequiosa que os cega, mercadejando nos balcões de todas as degradações os mais sublimies sentimentos d'alma, percorrem todo o longo estadió de infamias que se possa abrir diante de si, e quando um dia á custa de muita miseria, de muita cobardia e aviltamento, têm prehenchido a medida de suas aspirações energumenas, entram no mundo de frente erguida, acompanhados de um séquito de palmas e o mundo galhardôa-os com a proclamação de homens honrados, sabios, probos, intelligentes e illustrados. No entanto esses homens não passam de uma lepra social.

J. DE ALMEIDA

Theorias muito bonitas estas, senhor doctor; mas que não mostram nem provam a utilidade do homem engeitado e sem nome.

ARTHUR

E' que o engeitado, por engeitado que é, sem ter um nome. sem uma familia que lhe dispense meios de garantir a sua degradação de filho espurio, atira-se ao torvelinho do mundo a braços com o trabalho, ambicioso de um nome, mas de um nome que não vá augmentar a sua infelicidade de homem engeitado. É assim luta, trabalha e quando um dia tem realiado a sua nobilissima missão, senta-se calmo e com a consciencia limpa de remorsos á grande communhão social. Aquelles, senhor Jorge de Almeida, os primeiros, são os vampiros da sociedade que lhe sugam, disfarçados com uma falsa tunica de honradez, a sua ultima seiva de vitalidade; este, o engeitado, é o homem honrado que, grato e reconhecido pelo muito que lhe fez o mundo, partilha com elle sem que faça dessa expontaneidade ostentação, a sua prosperidade. parte daquella fortuna ou daquelle nome que adquirio nobremente, sem resentimentos, nem escrupulos. Qual destes é o mais util, o mais honrado, senhor Jorge de Almeida? Aquelle que rouba, que claudica da honra, que atira ao lodaçal da miseria a viuva, que usurpa o pão do orphão, e isto sempre com um sorriso glacial e cynico, ou aquelle que saído do seio da sociedade só tem para ella reconhecimentos e gratidões e concorre, como lhe é possivel, para o seu engrandecimento e prosperidade?

J. DE ALMEIDA

Não sei se isto é uma questão de gosto ou de costumes. O que affirmo ao senhor doctor é que o mundo bate palmas aos primeiros e despreza e nullifica os segundos. Não será isto uma verdade?

ARTHUR

O mundo é um julgador sem consciencia. Tem uma tendencia irresistivel ao vicio, não pôde applaudir a virtude; eis ahi o grande mal.

J. DE ALMEIDA

O senhor doctor é ainda muito moço, não conhece bem a tatica do mundo. Ora, diga-me por obsequio a que deve estar hoje aqui divertindo-se, no meio desta multidão de olhares femininos que o contemplam, se não fosse o senhor Barão de Atalaia, rico e titular? Ah! meu doctor, o dinheiro! O dinheiro é o primeiro elemento vital da humanidade, acredite. Ha de concordar comigo; o mais são theorias. E' bonito de dizer-se todas estas sentenças que acaba de proferir, mas a realidade é que é para nós, os homens de fortuna, a verdadeira belleza. O senhor doctor está no seu quinto anno academico, mas garanto-lhe que logo que entrar na vida pratica, outro será o seu modo de pensar.

ARTHUR

O senhor Jorge de Almeida vio ha pouco sair desta sala o capitão Carlos, um moço affavel e apreciado por suas qualidades, e que no entanto não tem bens de fortuna.

J. DE ALMEIDA

Pertence á raça que o senhor doctor tanto distingue; mas ha de ser sempre um engeitado. Só a origem do seu nascimento é o bastante para offuscar qualquer qualidade distincta que o adorne. E' um homem sem familia. São maneiras de julgar, eu penso o contrario do senhor doctor.

ARTHUR

O senhor Jorge de Almeida é rigoroso e precipitado em suas opiniões. Conhece de perto o capitão Carlos?

J. DE ALMEIDA

Não e nem (*accentuando a phrase*) busco conquistar esta honra. Foi elle proprio que se confessou sem familia e sem fortuna.

ARTHUR

E esta formosa senhora que o acompanha e que tem sido hoje o alvo das admirações deste baile, conhece?

J. DE ALMEIDA

Deve ser a . . . sua amante. E' filha de um homem que empregado por mim em minha casa, dispensei-o ha dois dias dos meus serviços. (*Levanta-se.*) E' um pobre diabo que tem muito orgulho de si.

ARTHUR

Ha muito que nao vejo uma mulher tão bella e com contornos mais bem delineados. Já vi uma que se podia rivalisar, mas nunca disputar-lhe a belleza, isto ha tempos, se não me engano, em uma fazenda do Para; mas era captiva.

J. DE ALMEIDA (*com interesse*)

Captiva?! Ah! Não é possível! Uma mulher branca, dotada de taes predicados, educada, nunca pôde ser uma captiva.

ARTHUR

E nem eu estou affirmando hypotheses á rainha deste baile, senhor Jorge de Almeida.

J. DE ALMEIDA (*á parte*)

Tudo neste mundo é bem possível! (*Alto.*) Ah! Sim! Pois seria lá possível nestes salões em que se acha a mais distincta parte da sociedade pernambucana, em que se festeja o anniversario nupcial do senhor Barão de Atalaia, a introdução de uma escrava? Nem de leve devemos suppol-o, senhor doctor.

ARTHUR

Já lhe disse que não figuro esta possibilidade. O senhor Barão de Atalaia deve hoje estar ufano do esplendido baile que offerece aos seus convidados. Acredite-me que durante o meu tirocinio de academia é a mais sumptuosa *soirée* a que tenho assistido nesta capital.

J. DE ALMEIDA

E a mais linda mulher, esta filha do meu ex-empregado, a que mais lhe tem dominado a attenção; não, meu doctor? (*Ri-se.*)

ARTHUR

E diz bem. O Recife póde, nem eu duvido, ter milhares de senhoras formosas, mas D. Lucia nada lhes fica a dever. Será uma allucinação, uma utopia minha, o que quizerem; mas em materia de formosura não ha uma opinião acertada. A plastica nestas circumstancias céde lugar á esthetica.

J. DE ALMEIDA (*malicioso*)

O senhor doctor está apaixonado pela D. Lucia; é uma boa e facil conquista! (*A' parte.*) Será mais completa a minha vingança!

ARTHUR

Creio que não me espremi de fórma a ser assim comprehendido. D. Lucia ama, como já deve ter notado, aquelle distincto cavalheiro e não serei eu que vá perturbar a paz daquelle feliz par. Admirar as qualidades que distinguem uma mulher, render homenagem a sua belleza, é um dever e uma justiça, mas nunca amor. Póde-se, acredito, alimentar por uma mulher uma affeição sincera e franca, sem que seja uma paixão amorosa.

J. DE ALMEIDA (*á parte*)

Perdi o lance! (*Alto.*) O senhor doctor é escrupuloso em demazia. Amar nunca foi crime, meu amigo.

ARTHUR

Christo amou Magdalena. (*Ouve-se Córa cantar dentro ao som de piano.*)

Canção da captiva (*)

Viver no mundo sosinha,
Sem lar, sem patria, sem amor,
Como a implume avesinha
Do tempo ao frio rigor. .

Passar a vida proscripta,
Sem uma esperança siquer;
Viver como a parasita
Despresada até morrer.

(*) Estes versos foram postos em musica pelo distincto maestro o Sr. João J. de Paiva.

Como o Judeo da legenda,
Sem guarida e sem pousada,
A' trilhar incerta senda
Só de horrores semeiada. . . .

Agasalhar-se no peito
Um coração, sem poder
Do amor sentir o effeito
No receio a se estorcer. . . .

Sempre a soffrer e a lutar,
Com a fronte sempre abatida,
Sem luz, sem crença e sem ar. . . .
E' não viver para a vida!

J. DE ALMEIDA

O amor nasce expontaneo e sem esforços, como a borboleta da chrysalida. Ouve? Aquella voz argentina é sua, meu doctor. Tem os encantos da sereia.

ARTHUR (*escutando enleiado*)

E' uma garganta de cysne. Qualquer poeta inspirar-se-hia ao escutar aquella voz tão doce e sonora. Creia, senhor Jorge de Almeida, que é bem feliz o Capitão Carlos!

J. DE ALMEIDA

Não serei eu, porém, que lhe dispute a felicidade. O capitão Carlos é um moço pobre, sem familia, e a sua amante filha de um homem de baixa posição na sociedade. Hão de viver sempre mordidos pelos preconceitos. Quem sabe o que elles soffrem aqui mesmo neste baile, que procuram talvez pela necessidade de se fazerem conhecer de um meio mais nobre, e mais honroso do que aquelle em que giram, escondidos e envergonhados do mundo?

ARTHUR

Já deve ter comprehendido que tomo todos esses prejuizos de que me falla, como circumstancias muito accidentaes na vida da humanidade. Oh! Uma mulher que canta assim, Sr. Jorge de Almeida, merece ser endeosada

J. DE ALMEIDA

E canonisada! (*Ri sarcasticamente.*)

ARTHUR

E lhe digo que só quizera esta unica felicidade na vida: ouvir nos ultimos momentos da minha existencia os harpejos daquella voz divina, que nenhuma saudade levaria do mundo, acredite-me.

J. DE ALMEIDA

E' uma extravagancia de poeta, meu doctor.

ARTHUR

Seja. (*Tem cessado o canto.*)

SCENA V

OS MESMOS E JULIO DE LEMOS

JULIO (*vindo do salão do baile*)

Estão retirados? Não quizeram ouvir os encantos de uma voz que não é da terra? São dois excentricos!

J. DE ALMEIDA

Ouvimol-a mesmo d'aqui. Assim produziu-nos mais *agradavel harmonia*.

JULIO

A cantora é esplendida e a canção a mais sentimentalista que conheço. Ouvi cousa semelhante uma vez, isto ha tempos, mas não me recordo onde, e juro-lhes que são duas vozes fundidas n'una só garganta.

J. DE ALMEIDA

O senhor doctor despertou-me agora uma vaga lembrança. Me parece já ter ouvido esta voz e esta canção.

ARTHUR

E nem é para estranhar, quando já frequentou a casa do Sr. Pedro; é muito possivel que em uma das occasiões que lá fosse, a D. Lucia cantasse esta mesma canção.

J. DE ALMEIDA

Sim.. sim.. pode; mas a idéa que eu tenho é de mais longe!
(*á parte*) No Pará.. uma mulher semelhante a esta....

JULIO

E' preciso que não entreguemos os salões ao dominio das senhoras. Vamos dansar tambem. (*Toca a orchestra dentro os preludios de uma walsa.*)

ARTHUR

E agora que a musica dá signal, Sr. Jorge de Almeida....

J. DE ALMEIDA

Vamos. (*Saem pela E. F.*)

SCENA VI

PEDRO E CORA (*do salão do baile*)

CÓRA (*senta-se no divan junto a Pedro*)

Sr. Pedro, saiamos deste baile. Eu não sei o que me prognostica o coração. Sinto-me acabrunhada e receiosa no meio desses olhares que me cercam. A lembrança daquella carta do Pará em que se suspeita a nossa estada aqui muito me tem feito soffrer.

PEDRO (*ainda de barbas suppostas*)

E a mim. Então pensas que eu tambem não soffra? Que o velho corpo aos 50 annos tenha forças para reagir contra tantas adversidades, senão fosse a justiça da causa que defendo? Córa, tu sabes porque estamos hoje neste baile. Era preciso accedermos ao convite exigente do Sr. Carlos para melhor dissimularmos o nosso estado de fugitivos. Amanhã, porém, estaremos muito longe d'aqui e serão frustradas as supposições daquella carta.

CÓRA (*á parte*)

Oh! longe delle!

PEDRO

A nossa situação nesta cidade complica-se, minha filha. Teu velho protector e pai já não tem meios para subsistir. Bem viste

que o Sr. Jorge de Almeida, esse coração de marmore, despediu-me ha dois dias dos serviços do seu escriptorio em represalia ao modo digno e honroso do teu salvador, o Sr. Carlos; e assim nós teremos de procurar bem longe d'aqui, em quanto tivermos forças para caminhar e resignação para soffrer, um canto em que vivamos ignorados do mundo até o dia da tua redempção.

CÓRA

Ah! como tem soffrido por mim, meu bom protector!

PEDRO

Vês como temos sido aqui tratados? O Sr. Barão de Atalaia não se tem poupado em dispensar-nos attensões e este diluvio de convivas parece abysmar-se em contemplar-te e render-te homenagens. Tens sido hoje aqui o alvo de todos os olhares.

CÓRA

É isto é um remorso para mim. Quando um dia toda essa gente que agora me lisongeia, que me cerca de affagos, souber que aquella a quem tributavam tanta admiração, era uma captiva, quanta maldição não lançarão sobre nós e sobre elle, o Sr. Carlos, victima de um ignorancia necessaria? Oh! meu pai, tudo isto é horrivel! Eu não sei porque temo do Sr. Jorge de Almeida; sempre que o olho encontro seus olhares avidos fixados sobre mim n'uma analyse interessada que me faz tremer toda.

PEDRO

E' que tambem se abysma em tua belleza, filha. Aquelle homem tem instinctos perversos, mas é um covarde. Aqui só poderíamos receiar desses dois moços que a 24 de Dezembro, ha seis mezes, passaram na *fazenda Campinas* em procura da *fazenda Matta Verde* do Coronel Cazumba, mas acredito que debaixo destas barbas não possam adivinhar o velho feitor que nesse tempo viram no Pará. Nada aqui, portanto, nos poderá surpreender. Sairemos deste baile ao menos com a satisfação de termos accedido ao convite do nosso bom amigo, o Sr. Carlos, e correspondido ás honras e attensões do Sr. Barão de Atalaia. Ah! Já é uma felicidade, que não nos é dada, esta, Córa.

CÓRA

Meu pai, deixe só que sua filha soffra; mas não se acabrunhe assim por mim. Eu tenho sido a causa de seus soffrimentos e

no entanto nem maldigo de mim, porque em compensação eu tenho o seu amor de pai e a amizade de meu bom salvador. A pobre escrava enche-se de esperanças quando se vê entre o seu protector e o homem a quem deve a vida e a honra. São estes os únicos momentos em que a captiva se esquece por um instante do seu estado desolador, para lembrar-se que só vive para estes dois entes, a quem idolatra com a mais acrisolada gratidão de sua alma.

PEDRO

Espera e crê em Deus, Corá; porque elle sabe premiar o opprimido e punir o oppressor. (*Tem cessado a walsa.*)

SCENA VII

OS MESMOS E O BARÃO DE ATALAIA

BARÃO (*da sala do baile*)

Fugiram do baile? Oh! Sr. Pedro, roubou-me a rainha de minha festa de hoje?

PEDRO

Peço-lhe perdão. A Lucia pedio-me para vir até aqui respirar mais livremente.

BARÃO

Tem razão, minha senhora, o baile suffoca; mas ha de permitir-me a liberdade de não consentir nesta ausencia; seria matar-me o encanto do baile.

CÓRA

Quanta bondade, Sr. Barão.

BARÃO

Palavra, Sr. Pedro, que tenho tido hoje meus ciumes de si.

PEDRO

V. Exc.?!

BARÃO

Quizera ser pai de tão distincta e elegante senhora para maior orgulho meu. Casado ha vinte annos, nunca tive um filho a quem ligasse meu nome e a minha fortuna e de quem recebesse na velhice os carinhos de que nós os velhos tanto precisamos.

PEDRO

Sr. Barão em compensação é rico e cercado de amigos que o admiram e estimam.

BARÃO

Os amigos são simplesmente os amigos, cercam-nos nos faustos e deixam-nos isolados na adversidade. O filho, Sr. Pedro, acompanha-nos até o tumulto, prodigalizando-nos todo o amor e carícias filiaes. O Sr. Pedro, segundo me informou o meu amigo, o Sr. Capitão Carlos, já teve bens de fortuna e foi lisongeadado pelos amigos também; a mão do destino ferio-o impiedosa e hoje o Sr. Pedro apenas tem a seu lado a sua extremosa filha, que o amou na opulencia e o idolatra hoje na decadencia. Já vê, pois, o que é um filho, tem em si mesmo a prova do que avento.

PEDRO

O Sr. Barão é uma excepção honrosissima dos homens titulares desta terra; a sua linguagem franca e a maneira lhana, com que trata os que têm a honra de conhecê-lo, muito o nobilitam. A prova do que digo está na imponente concurrencia de amigos que affluem ao esplendido baile que hoje lhes offerece. Dou ao senhor Barão os meus sinceros parabens pelo feliz anniversario de seu casamento e desde já antecipo por mim e por minha filha a satisfação e honra que tivemos em ter occasião de apreciar e respeitar as qualidades distinctas que o ornaram.

BARÃO

E' uma prodigalidade sua, mas que eu acceito como sincera. O Sr. Pedro é velho como eu e não sabe lisongear. Quero-o, porém, entre os meus convidados e não retirado do bulicio da dança. (*A Côra.*) V. Exc. ha de conceder-me a honra de conduzir-a aos salões. Já que não posso ser seu pai, serei seu admirador. (*A Pedro.*) Vamos e peço-lhe o obsequio de não retirar-se antes de terminar o baile. E' uma satisfação que me dá e um favor que me faz.

PEDRO

E' bondade de V. Exc. a que eu de coração accedo. (*O Barão offerece o braço a Côra que timida recebe-o e saem pela E. F.*)

SCENA VIII

PEDRO E LOGO JORGE DE ALMEIDA

PEDRO (*logo que o Barão e Córa saem*)

Infeliz ! Admirada e estimada por todos sem poder levantar a cabeça orgulhosa de si e corresponder a esta admiração e a esta estima ! É um martyrio que a pobresinha esconde nas grutas do coração com mêdo de trahir-se, sempre receiosa na expansão de qualquer sentimento. Até quando viverás condemnada a este cruel ostracismo social? Quando chegará o dia de tua redempção, Córa ? (*J. de Almeida apparece ao F. e escuta com interesse.*) Quando raiará no Brazil a aurora da liberdade para a tua raça proscripta? Será eterno, meu Deus, este direito do homem sobre o homem? O estado de animalia a que estão condemnadas milhares de almas destinadas para os mais sublimes e heroicos commettimentos da vida ? Ah ! Córa, que maldição péza sobre ti !

J. DE ALMEIDA (*d parte*)Muito bem ! Muito bem ! (*retira-se*)

PEDRO

Aqui o esplendor da festa, a fascinação do fausto, a lisonja ; o prazer a pullular em cada riso, o riso a brincar em cada labio, o labio a se abrir n'uma expressão apaixonada e louca de contentamento, numa explosão de alegria indefinida ; lá, no escuro da senzala, no antro negro do vicio e da corrupção, a vida que definha, uma alma que se debate em uma agonia crusciante ; uma cabeça que não tem o direito de pensar, um coração que estala, que não póde palpitar, porque a *lei* roubou-lhe a faculdade de sentir ; porque os miseraveis da terra chapearão-n'o com a placa bronzea de suas conveniencias ; um corpo alquebrado e batido por todos os trabalhos da vida, implora compaixão, pede justiça; e cá fóra, a gargalhada do senhor que, com o riso ensanguentado de Néro, numa alegria de féras ao estrangularem a victima que lhes é arrojada ao circo, responde a todo aquelle desespero que se estorce no alcouce da senzala. Oh ! Homens da minha terra ! Onde está a vossa caridade ? Porque calcais tão cobarde e ignominiosamente a dignidade e brio de um povo, cuja historia do seu passado é um padrão de glorias para todo brasileiro ? Porque não rasgais do livro de vossas glorias essa pagina hedionda que é a vossa desmoralisação, o vosso descredito ; o aniquilamento do vosso progresso, —a escravidão ?

SCENA IX

O MESMO E BARÃO DE ATALAIA

BARÃO (*da sala do baile*)

Senhor Pedro, convidado para a sala do baile. Venha comigo solemnizar o brinde que se acaba de erguer á rainha da noite de hoje, a sua querida filha.

PEDRO (*confundido*)

Oh ! Senhor Barão ! É mais uma honra da qual lhe será reconhecida a Lucia. Estou ás suas ordens.

BARÃO

Falta só a sua pessoa para que mais completo seja o enthusiasmo deste brinde. Vamos.

PEDRO

É muita bondade de V. Exc. (*sacm pelo F.*)

SCENA X

COMMENDADOR AVELAR E JULIO DE LEMOS (*que vem do salão do baile e sentão-se*)

COMMENDADOR

Conheci muito seu pai. Eramos muito amigos quando cursavamos a Academia de S. Paulo. Quando eu no meu segundo anno abandonava os bancos academicos, elle entrava no seu quinto anno.

JULIO

Perdi-o muito moço ainda, senhor Commendador Avellar.

COMMENDADOR

É verdade; ficou orphão em muito tenra idade. Está estudando?

JULIO

Curso o quarto anno de Direito. Quando meu pai morreo, eu estava em um collegio desta capital ; os seus desejos erão ver-me

seguir a sua carreira. Minha familia paterna realisou o dourado sonho de meu pai e eu pretendo corresponder e concluir as disposições de minha familia.

COMMENDADOR

Ê faz muito bem. Acredite-me que tem traços physionomicos muito semelhantes aos de seu pai. Oxalá que seja um cidadão distincto como elle o éra.

JULIO

Obrigado, senhor Commendador. Permitta-me confessar-lhe que os amigos de meu pai serão sempre apreciados e acatados por mim. É uma grata recordação esta, a convivencia de amigos que forão-n'o tambem de meu saudoso pai.

COMMENDADOR

Era um coração alegre aquelle. Nunca o vi triste e contrariado que os instantes; éra um genio jovial. Tinha sempre um sorriso franco para aquelles que o cercavão e nunca lhe faltou, em qualquer meio em que se achasse, um chiste delicado que sempre applicava com graça e geral aceitação a proposito de qualquer conversa que se ventilasse. Amou muito o prazer e foi isto o que de alguma forma concorreo para encurtar-lhe os dias. Fuja, por tanto, meu doctor, deste bulicio, que entontece, das grandes sociedades.

JULIO

As grandes sociedades, senhor Commendador, são para nós os moços o largo campo em que temos de colher os mais intimos conhecimentos da vida. Eu as encaro como uma necessidade e chamo-as de uteis e precisas.

COMMENDADOR

E eu as chamo de mancenilha : affagão-nos, seduzem-nos e acabão por injectar-nos nas veias o veneno que nos mata, que nos inutilisa. O meu doctor não conhece ainda bem os combates da vida pratica e vê o mundo por um prisma muito differente do que elle é em si. (*Ouve-se tocar na sala do baile um trêcho da Traviata.*)

JULIO

Não duvido do gráo de experiencias que possa ter o senhor Commendador, mas é mister confessar que a mancenilha só injecta o seu veneno corrosivo ao viajante que, na ignorancia do

mal, adormece-lhe á sombra tão auspiciadora quanto trahidora. Nós, porém, nas grandes sociedades jamais adormeceremos por um momento, ao contrario, precisamos de muita attenção e estarmos verdadeiramente despertos para as nossas melhores indagações.

COMMENDADOR

Mas lá vem um dia que extenuado adormece-se por um instante e desperta-se mais tarde nos braços da fatalidade. Se o senhor doctor, porém, ama as investigações das altas sociedades, é pôr desde já em pratica a sua missão. Hoje os salões do senhor Barão de Atalaia regorgitam de convivas e de cada um o senhor doctor obterá o resultado de um estudo minucioso. Vamos. (*Levantam-se.*) Não perca tempo. A occasião é a mais favoravel possível para o fim a que se propõe. Aqui mesmo o senhor doctor colherá uma somma não pequena de experiencias. Temos aqui de tudo e de todos; é um verdadeiro musêo a grande sociedade, meu doctor.

JULIO

Musêo que ainda não está completo. (*Cessa a Traviata.*)

COMMENDADOR

Vamos aos salões. Quero admirar a sua pericia de . . . investigador.

JULIO (*d parte*)

Este Commendador é um idiota ! (*Alto*) Vamos, senhor Commendador. (*Saem pelo F.*)

SCENA XI

J. DE ALMEIDÃ E CÔRA (*que entram do salão do baile*)

J. DE ALMEIDA (*de braço com Côra senta-a no divan.*)

Exigi que me acompanhasse e a Sra. não exitou. Obrigado e muito bem! (*Senta-se.*)

CÔRA (*receiosa*)

E o que pretende, Senhor ?

J. DE ALMEIDA

Pouco. Contar-lhe uma historia, que nada vindo a proposito, comtudo ser-lhe-ha um tanto original.

CÓRA (*assustada*)

Mas... eu não posso estar comsigo muito tempo.

J. DE ALMEIDA

Exijo apenas o bastante para a minha historia. Ouça-me. Ha factos na vida da humanidade, minha senhora, que são verdadeiros phenomenos. Ha annos andando eu em negociações pelo centro do Pará, e tendo de tomar pousada em uma *fazenda* daquella provincia, vi (*fitando Córa, enquanto que esta, á proporção que ouve Jorge, vai commovendo-se*), acredite como se fôra agora, vi uma mulher bella e linda que dir-se-hia a photographia viva de V. Exc. Mas... desculpe-mê a comparação. Aquella mulher éra captiva e estremecida de seus senhores!... Que tem?! Encommoda-a a minha historia? Creio que nenhuma relação...

CÓRA (*procurando dissimular a commoção*)

Eu... Eu nada sinto. Pode continuar, Sr. (*á parte*) Estou perdida!

J. DE ALMEIDA (*fitando-a com mais interesse*)

Como ia contando. Essa captiva éra o brinco dos seus senhores que tratavão-na mais como filha, do que como escrava; sabia ler, tocava piano e cantava com uma voz tão doce e sonora, como se fôra saída da garganta de V. Exc.

CÓRA

Senhor!

J. DE ALMEIDA

Mas foi uma ingrata. (*á parte*) Vou lançar-lhe a ultima carta! (*alto*) Veja V. Exc. agora...

CÓRA (*insensivelmente*)

Agora?!

J. DE ALMEIDA

Agora acabo de receber o *Diario do Gran-Pará*, onde se annuncia a fuga daquella escrava, ha seis mezes, em companhia de um velho feitor daquella *fazenda* e cujo annuncio traz bem explicados os signaes caracteristicos daquella infeliz.

CÓRA (*exaltada*)

Meu Deus !

J. DE ALMEIDA

Empallidece, minha senhora?! (*A' parte*) É ella, não ha que duvidar ! (*Alto*) Eu trago commigo o jornal em que vem o annuncio e de bom grado me offereceria de capitão de campo á tão interessante captiva.

CÓRA

Senhor, acabe !

J. DE ALMEIDA

O jornal é este. (*Tira-o do bolso e mostra*) Parece até trazer em musica o *diapason* da voz de V. Exc.

CÓRA (*em commoção levanta-se*)

Oh ! Senhor ! Deixe-me !

J. DE ALMEIDA (*d' parte, levantando-se*)

Oh ! É ella mesma ! (*Alto*) Até que afinal, minha senhora, tive a recompensa do seu despreso. Ah ! ah ! ah ! (*Sae em gargalhadas precipitado para o P.*)

SCENA XII

CORA E LOGO PEDRO

CÓRA (*afflictissima*)

Oh ! Estou perdida ! Descoberta ! Ah ! Que vergonha ! Fugir ! Fugir é o unico remedio. (*A Pedro que entra*) Oh ! senhor Pedro ! Fugamos que estamos perdidos.

PEDRO

Que dizes, Córa ?!

CÓRA

O senhor Jorge de Almeida acaba de descobrir-me ! Oh ! Que desgraça para nós ! Que vergonha !

SCENA XIII

OS MESMOS, J. DE ALMEIDA, BARÃO DE ATALAIA, COMMENDADOR AVELLAR, ARTHUR DE SOUZA, JULIO DE LEMOS, CARLOS E CONVIDADOS (*que entram do salão do baile.*)

J. DE ALMEIDA (*com o jornal na mão apontando Córa*)

É uma captiva disfarçada, fugida da casa de seus senhores !
Provo !

CALOS (*que entra a esta voz*)

Captiva ?! (*Estaca em frente a Córa*)

CORA

Ah ! (*Desmaia nos braços de Pedro*)

PEDRO (*a Jorge*)

Miseravel !

BARÃO (*furo de indignação*)

Saião ! No dia de hoje nos meus salões a introdução d'uma captiva

COMMENDADOR (*atalhando-o*)

É uma audacia e uma vergonha !

BARÃO

Oh ! Saião ! Antes que os mande enchotar pelos meus lacaios !
(*Avança para Córa e Pedro*)

CARLOS (*interpondo-se*)

Senhor !

ARTHUR (*d parte*)

É a mesma que vi no Pará !

J. DE ALMEIDA (*sarcastico a Carlos*)

Senhor Capitão Carlos (*Apontando Córa*), a sua . . . esposa !
Ah ! Ah ! Ah ! (*risada*).

Cae o panno

QUARTO ACTO

—

A REGENERAÇÃO

PERSONAGENS DESTE ACTO

Córa.
Pedro.
Carlos.
Tenente-Coronel Andrada.
Jorge de Almeida.
Chiquinho }
Zumba... } Matutos.
Lúla..... }
Damião.
Dois escravos.
Camponezes.

ACTO IV

O scenario representa a D. um bosque que se prolonga para o F. onde atravessa uma estrada cuja margem ha diversas pedras brutas. A E. no 1. plano uma casinha de campo com alpendre, onde está armada uma rêde. No terceiro duas arvores copadas, cujos galhos encobrem inteiramente o telhado. No F. montes, mattas e um rio que se destende para a D. A E. no 2.º plano mattas. E' ao alvorecer. A neblina da manhã vai pouco a pouco desaparecendo dos montes. Ao subir do panno Côra está adormecida na rêde velada por Pedro que está sentado em um môcho. Passam ao F. pela estrada da E. para D. dois camponezes com enchadas e foices aos hombros.

SCENA I

PEDRO E CORA

PEDRO (*sem o disfarce physionomico do 2.º e 3.º actos, examinando Côra*)

Dorme. Sonha talvez com o dia de sua liberdade. Coitadinha! (*Levantando-se.*) Quando terminarão os soffrimentos desta pobresinha, condemnada a morrer de dôr, sem crimes, sem uma culpa que a accuse, só porque é escrava?! Degradação do ser humano, quando agonisarás como a hyena aos golpes do Direito e da Rasão?! Ha oito dias que aqui chegamos, ignorados de todos, sempre receiosos de uma nova desgraça, enquanto que ella definha dia á dia. Aquelle triste incidente do baile foi uma nova desgraça para nós. Ah! Jorge de Almeida! Um dia eu te pedirei conta das tuas vilezas, alma de bronze! Aquella carta do Pará em que se me diz haver suspeitas de que estamos em Pernambuco, veio actuar em nós mais uma nova serie de receios. Ah! E no entanto eu já nem forças tenho para confiar nellas! Sinto que a pobresinha morrerá sem amparo, sem uma mão caridosa que a proteja, se elle não lhe estender os braços para livral-a do abysmo da deshonra e da morte. Alma generosa e bôa a tua, Carlos! Sublime exemplo de abnegação que dás aos miseraveis da terra, homens sem coração e sem consciencia! Corvos que se alimentam dos destroços de seus irmãos! Miseraveis movidos pelo interesse, unica entidade que divinisam! Se não fosses tu,

que nos animasse a fugir para aqui, para tão longe da capital, o que seria hoje da desgraçada Córa, e do velho Pedro de Athayde? Oh! Coração generoso! As bênçãos dos infelizes serão o teu padrão de glórias!

CÓRA (*sonhando*)

Carlos!!.... Sim... Eu te amo!... Vive tu para mim.... (*Pedro chega-se pé ante pé e escuta.*) Vês?!.... Eu soffro, mas.... sou feliz!.... Quero-te muito... Vem.... Carlos... Salva-me!.... Eu... eu quero morrer contigo...

PEDRO

Pobre infeliz!

CÓRA

Obrigada! Os teus carinhos.... eu os quero só para mim.... Eu sou a flor agreste da campina.... tu, és o sol que.... me aquece.... Meu pai.... te quer muito... porém... mais te ama a pobre escrava.... Escrava!.... Ah! (*Disperta.*)

PEDRO

Córa? Que tens, filha?

CÓRA

Meu pai.... que sonho! Foi um sonho horrivel, não foi?! Ah!.... Elle? Onde está elle? Diga-me. Abandonou-nos? E' o meu bom protector que está a meu lado? Falle; não me illuda....

PEDRO

Sou eu, Córa; é o teu velho amigo que nunca deixa de estar junto a ti.

CÓRA

Ah! Sinto-me melhor agora. (*Senta-se na rêde. Traja roupão branco e está abatida com os cabellos em desalinho.*) Não sei se dormi, meu pai.

PEDRO

Dormiste, Córa. A viagem abateo-te muito. E' preciso que recobres forças e animo, filha, para não fraquejares em meio do sacrificio. Ha oito dias que aqui estamos e ainda estás muito desalentada.

CÓRA

Ah! Que recordações, meu pai! Estas mattas que nos cercam, estes montes que nos separam do mundo, toda esta vegetação que se destende diante de nós, tudo me lembra a *fazenda* do meu senhor. Ah! Quando terão fim estes soffrimentos? Quando terei esgotado a ultima gotta do meu calix d'amargura? Andar assim como o judeu da lenda, sempre a seguir á voz que nos brada: Caminhar! Caminhar! Sem pouso certo, meu pai; sem poder por um instante recostar a cabeça cançada para dormir o somno dos justos! Oh! Isto é horrivel! Muito horrivel! E porque nos havemos de entregar assim a este martyrio? Vamos! Procuremos o meu senhor e seja só a pobre captiva que soffra! Eu soffro mais vendo-o soffrer por mim, meu protector. Esta luta tende a aniquilar-se um dia. Eu já não tenho forças para encaral-a, animo e resignação para reagir-lhe. Ah! Meu pai, como é infeliz a sua Córa! Para que encontrou-me no meio da minha desgraçada senda?

PEDRO

Socéga, Córa! Nunca se soffre, nunca se sacrifica, quando se procura defender e proteger a causa dos opprimidos. Enganas-te, eu nada soffro; ao contrario, minha filha, tu tens me sido um linitivo nos derradeiros dias da minha vida. Aqui estamos longe e ignorados das furias do teu barbaro senhor. Durante os 8 dias que aqui estamos, a não serem os lavradores da margem opposta do rio que pela manhã atravessam por aquella estrada para os seus trabalhos do campo e á tarde voltam com a satisfação e alegria de terem cumprido a sua honrosa missão, mais ninguem tem sido despertado pela nossa estada aqui.

Aquelle bom rustico que nos cedeu esta choupana está convencido e tão penalizado de que tu és minha filha e de que procuro por estes lugares allivios a teus padecimentos, que bem tens visto como nos tem tratado! E' um povo affavel e generoso este que com toda a sua rudeza não sabe fingir. Os matutos de Pernambuco, minha filha, são tão caridosos e bons como os do Pará.

CÓRA

E nem podia deixar de assim sel-o. Os pernambucanos são muito generosos e hospitaleiros. O nosso estado lhes inspira compaixão e piedade.

PEDRO

E' manhã, Córa, e o sol não tarda subir. E' preciso que entres para casa; elle póde aggravar o teu estado de desalento. Anda, vamos,

CÓRA

Oh! Como é grato o alvorecer, meu pai! Como é agradável o despertar-se á sublime orchestra das avesinhas do bosque, as avesinhas que são mais livres do que eu! Como a gente sente-se bem aqui, respirando o perfume das flores dos campos. Como a aurora com seus dourados dêdos abre aqui para cada alma uma vida que desponta! Ah! Eu tenho saudades da minha terra! Da terra onde nasci captiva, mas onde passei os dias mais felizes e risonhos da minha infantilidade! Ah! Pará! Pará! Quando as aguas azues do teu Tocantins lavarão esta negra mancha do teu sólo? Quando chegará tambem para ti o dia do Direito e da Justiça?!

PEDRO

Vamos. Sepulta por um instante estas recordações que te fazem mal, Córa.

CÓRA

Mas um mal que me faz bem, meu pai. Vamos. (*Encosta-se a Pedro e entram para casa.*)

SCENA II (*)

CHIQUINHO E ZUMBA *que entram da D. pelo F., parau na estrada; trazem enchadas e foices. Zumba traz um tição apagado e Chiquinho um caximbo.*

ZUMBA

O' Chiquinho, você já viu que moça mais *fermosa* está morando n'aquella casa?

CHIQUINHO

Que casa, *home*? Na casa do *Totonho da ludeira*?

ZUMBA

Sim. *Apois o home não deu aquella casa brá aquella famia* morar?

CHIQUINHO

Eu não sabia, não, Zumba. *Entonce* temos gente nova cá pela varjada?

(*) Nesta scena fica á vontade dos actores interpretarem o melhor possível a phraseologia e costumes dos nossos camponeses,

ZUMBA

Um velho e uma moça que é mais *fermosa* que a enteada do *vigaro*. Aquillo é que é lindeza! A moça está doente, *mas porém entonce* assim mesmo não se póde ver carinha mais galante!

CHIQUINHO

E como os *drogas* vieram *prá* cá? Da onde são, Zumba?

ZUMBA

Eu cá não *seio* disto. O Manéco das *queimadas* todo dia manda uma garrafa de leite a elles.

CHIQUINHO (*desconfiado*)

Entonce, Zumba, ella está doente do peito?! *Tibis! Nange* eu que vá lá! Ainda se fosse maleitas. . . .

ZUMBA

Que peito, *home*? Tu a *móde* que *sois* bôbo! O Manéco manda o leite *prá* se *amostrar* que tem muitas vaccas.

CHIQUINHO

Era mais *mió* que elle pagasse o que deve. Já duas safras se *passou-se* e nada ainda de me dar o restante da derradeira *roçuge* do bréjo.

ZUMBA

Elle pensa que porque é muito amigo do Juiz de Paz não deve de pagar a ninguem. Nem um cavallo tem *prá* se *amontar*.

CHIQUINHO

Mas *veve* todo dia *atrepado* em *riba* do burro de meu mano lá porque é seu *afiado*. Cá *prá* minha banda não péga disto não.

ZUMBA

Lá por *móde afiadage* não; porque se fosse por via disto eu *tãobem* sou *afiado* do *vigaro* e elle nunca pedio o cavallo de seu *afiado*. Minha tia é que ás *ves* lhe manda lá a vacca *prá* dar leite; *mas porém* isto é lá *c'a* minha tia que é *muié*. Comigo só lhe quero a *bença*.

CHIQUINHO (*preparando o caximbo*)

O' Zumba? Dá cá o fogo.

ZUMBA (*soprando o tição*)

Home, o tição não se apagou-se! Vamos pedir a seu Capitão. (Descem.) O' seu Capitão? (Bate palmas. A Chiquinho.) O' Chiquinho?

CHIQUINHO

Oi, home?

ZUMBA

Tu não *diz* teu nome a elle, não, por *móde* ver se elle sabe.

SCENA III

OS MESMOS E PEDRO

CHIQUINHO E ZUMBA (*a Pedro que sae*)

Bons dias, *seu* Capitão.

PEDRO

O que querem, meus amigos?

ZUMBA

Como vai *sinhá* dona de sua enchaqueca?

PEDRO

Melhor, graças a Deus.

CHIQUINHO

V.^a S.^{ta} *seu* Capitão, não tem uma pessoa que trate de sua *fia*? Eu trago *Maricas* *prá* ajudar a V.^a S.^a O Capitão *Tótó* diz que não quer outra *curadeira*, porque quando a *muié* d'elle está *c'o frauto* é *Maricas* que cuida della.

PEDRO

Muito obrigado pelo seu cuidado.

ZUMBA

Nós moramos atraz daquelle capão de matto ao sair da *encruzada*. *Seu* Capitão quando *percizar* já sabe, é só chamar a gente.

CHIQUINHO

Seu Capitão me dá um lumesinho? O tição que nós truvemos se apagou-se e por móde se almoçar na roçage. . . .

PEDRO

Sei, sei. Esperem. (*Entra.*)

ZUMBA

O' Chiquinho, este *home* tem a *semeança* do Capitão *Tótó*.

CHIQUINHO

De *filostromia* é mais bonito.

ZUMBA

Tem o *sumbrante* mais carrancudo.

PEDRO (*que volta, entregando uma caixa de phosphoros*)

Aqui têm.

CHIQUINHO (*não querendo receber*)

Sinhô não, seu Capitão: Não é percizo patto de fogo. Prà que este esperdiço? Nós queremos é um tiçãosinho.

PEDRO

Mas eu não tenho tição. Levem mesmo os phosphoros.

CHIQUINHO

Quando a gente voltar da *roçage truvemos* o restante.

PEDRO

Não é preciso; pódem gastar todos.

ZUMBA

Quando eu voltar trago um feixinho de lenha *prá V.^a S.^a*

PEDRO

Não se encommode por minha causa.

ZUMBA

Eu *seio* que é uma *bobage*, mas *porém* é dado de boa vontade.

CHIQUINHO (*cortejando*)

Entanto, *seu* Capitão.

ZUMBA

Inté a boquinha da noite. (*Sobem e desaparecem pela E. F.*)

SCENA IV

PEDRO E LOGO LULA

PEDRO

Bôas almas! Oxalá que os homens illustrados e orgulhosos de si, agasalhassem no coração sentimentos de humanidade e de nobreza como os que se occultam debaixo da ignorancia desses pobres homens.

LULA (*que desce da D. F. com uma garrafa de leite enfiada em um cacête.*)

Bom dia a V.^a S.^a *seu* Capitão. Aqui tem o leite que *seu* Manéco manda. Elle manda *proguntar* V.^a S.^a como passou a noite *sinhá* dona.

PEDRO

Diga-lhe que vai melhor, obrigado.

LULA

Elle manda dizer a V.^a S.^a que se puder hoje, vem cá *amenhá*.

PEDRO (*rindo affavel*)

Diga-lhe que venha hoje mesmo se for possivel.

LULA

Sim *sinhô*. A's *ordes* de sua senhoria.

PEDRO

Adeus. (*Lula sóbe e despparece pela D. F. Pedro entra.*)

SCENA V

CARLOS E LOGO PEDRO

CARLOS (*de lasarina, botas e mais apêtrêchos de caça, entra da E. F.*)
 Já não se pôde supportar o frio que faz nestas mattas.

PEDRO (*que sae de casa*)

Já de volta?

CARLOS

Já. Então, como vai Córa? Serenou mais dos delirios? (*Depõe os apêtrêchos de caça a um canto do alpendre e senta-se na rêde.*)

PEDRO

Serenou. Está deitada, descansando.

CARLOS

Ainda bem. Não sei quando ultimaremos a nossa missão, senhor Pedro.

PEDRO

Receio que a pobresinha, senhor Carlos, não possa supportar por muito tempo este estado de duvidas.

CARLOS

Bem sabe que escrevi para o Pará. Tenho lá amigos que se interessam pelo meu pedido; aguardemos, portanto, a resposta do Tenente-Coronel Andrada.

PEDRO

Aquelle homem é de uma indole má e perversa e a sua resposta será negativa.

CARLOS

Neste caso eu procurarei a justiça. Ah! Senhor Pedro, nós estamos no Brazil, onde felizmente nem todos os caracteres estão corrompidos e oude ainda temos magistrados que não consentem que se mescle com o prejuizo das conveniencias a sua tóga, e que nunca se deixarão subornar por esse vil interesse que affecta a justiça das causas.

PEDRO

Oxalá que falle pela bocca de um vidente; mas eu duvido tanto que o Tenente-Coronel Andrada acceda ao seu pedido, que desde já estou preparado para novas desgraças.

CARLOS

Esperemos e depois envidaremos novos recursos a bem da infeliz Córa. Oh! A escravidão! A escravidão, senhor Pedro!

PEDRO

Um attentado contra a liberdade do homem, este principio apregoado pelo martyr do Golgotha como a base da moral e da igualdade. E' o aviltamento, a baixeza de um povo inteiro, este estado de animalia que sempre inutilisa e nullifica uma alma, muita vez nascida para desenvolver na sociedade um papel importantissimo na vida da humanidade.

CARLOS

No entanto a lei conserva este estado como um direito, ao que eu chamo um roubo, uma usurpação que um dia será reconhecida e esmagada pelo gynete da civilisação, como o foi a serpente da biblia. Muitas vezes, senhor Pedro, no alto mar a manga d'agua que ameaça tormenta é expellida e destruida por uma corrente de vento mais benigna que ella. A escravidão no Brazil ha de tambem um dia desaparecer ao choque magnetico da corrente da civilisação.

PEDRO

E eu morrerei contente se viver até este dia. (*Noutro tom.*)
Então apanhou alguma caça?

CARLOS

Poude apenas matar uma lebre que preparemos para Córa. Está tão enfastiada. . . .

PEDRO

Já não quer comer mais nada.

CARLOS (*levantando-se*)

Mas ha de comer a meu pedido. Coitada! Aquella alma tão bôa não nasceu para as vicissitudes desta vida. Vamos vel-a, senhor Pedro.

PEDRO

Vamos. Desde pela manhã que só falla em seu nome; não o tira da memoria.

CARLOS

E nem eu posso deixar de tel-a aqui. (*Leva a mão ao coração.*)

PEDRO

Como ella o ama ! Vamos, senhor Carlos. (*Entram para casa.*)

SCENA VI

TENENTE-CORONEL ANDRADA, JORGE DE ALMEIDA, DAMIÃO E 2 ESCRAVOS (*que entram da E. F em direcção ao caminho.*)

ANDRADA (*de botas, chapéo de abas largas, sobretudo, chicote d' mão*)

Ah! senhor Jorge de Almeida, já estou cansado! Se o diabo não nos apparece por aqui, decididamente não continuo. (*Senta-se numa das pedras do caminho.*)

J. DE ALMEIDA (*botas, capotes, chicote, etc.*)

Está doudo, Tenente-Coronel! Depois de termos trabalhado tanto, de atravessar-mos tantas leguas, retrocedermos, é muita cobardia. Devem andar por estas immediações, segundo os calculos.

DAMIÃO (*traz um cabaço a tiracolo*)

Sinhó, pra que não vamos adiente?

ANDRADA

Cala-te, bruto! Só se tu nos carregares ás costas.

J. DE ALMEIDA

Vamos ao outro lado do rio, Tenente-Coronel; lá indagaremos melhor naquelles casebres; talvez que nos saibam informar a estada certa dos fugitivos.

ANDRADA

Ah! Senhor Jorge de Almeida, estou quasi arrependido de perseguir a Córa. Ha tres mezes que ando fóra da *fazenda* e não avalia os prejuizos que talvez por lá tenha eu soffrido. A minha maior vingança, acredite, não é encontrar Córa, não. E' achar o seductor, o velho Pedro, para fazel-o reparar em uma cadeia o crime de acoitar negros fugidos. Sim, porque . . . mulheres não faltam!

J. DE ALMEIDA

Mas o velho Pedro nada lhe custou, Tenente-Coronel Andrada, e a Córa é uma mulata peça que em a perdendo perde tambem um bom dinheiro.

ANDRADA

Sim, sim. Não négo. Se a procuro é só com este fim: depois de mostrar-lhe para o que serve a honra de uma escrava, vendel-a. Poderia trahir ao amante como trahio o senhor.

DAMIÃO

Sinhô não vai da outra banda do rio?

ANDRADA

O mal que hoje soffremos, senhor Jorge de Almeida, devemos a esses abolicionistas accelerados, que nada tendo a perder procuram prejudicar-nos a nós, que não vivemos de vento, como camellião. Este movimento que ora se opera no Brazil ha de ser a nossa desgraça.

J. DE ALMEIDA

Eu não direi tanto. A extincção da escravatura brasileira não será uma desgraça, se levarmos em conta os meios que garantam os direitos dos cidadãos libertos.

ANDRADA

Irra! Que eu estou mesmo esbaforido. (*A Damião.*) Dá-me um pouco d'agua. (*Damião tira o cabaço, dá a Andrada que bebe.*) Está fresca, que só a agua do *córgo* do Antonio Pedro. (*A' Jorge.*) Agora vamos.

J. DE ALMEIDA

E' preciso não perdermos tempo. O sol está quasi no meio do céu. Por aqui, Tenente-Coronel! Por aqui! (*Saem pela D. F.*)

SCENA VII

PEDRO, CARLOS E CÓRA (*que saem de casa*)

CÓRA (*Entre Pedro e Carlos delirando*)

Mas eu não quero. Sim... não quero..

PEDRO

Minha filha, o senhor Carlos está aqui.

CARLOS

Sim, estou aqui, Córa. (*Sentam-na na rede.*)

CÓRA

Quem?... Eu vi-o... Quando?... No baile... Elle.... estava lá.... alegre.... contente.... Ah!.... Vi-o, meu pai?...

PEDRO

Delira! A quantos dias isto se repete?

CÓRA

A captiva.... Córa... captiva?!.... E elle fugio, meu pai... deixou-nos! Ah!.... Carlos!.... Carlos!....

CARLOS

Córa, eu estou aqui. Não me ouves? Não me vês? E' o teu salvador.

CÓRA

Mentira!.... Elle despresou-me.... Elle não podia amar uma captiva! Ah!.... O meu senhor!.... Escondam-me!.... Salvem-me!....

PEDRO

Minha filha, teu pai está junto a ti. Olha, o senhor Carlos está tambem aqui.

CÓRA (*serenando, tomando as mãos de Carlos*)

Carlos?... Elle?! Oh! como eu sou feliz! Carlos? Vieste?!.... A pobre captiva já não tem lagrimas para chorar!.... Ah! Mas ella de ama tanto....

CARLOS

Sim, Córa. Mas socéga, acalma-te. Eu estou aqui. Para que tanto soffrimento?! Nada recêis! Nós estamos a teu lado para velar por ti. Confia em nós.

CÓRA (*enleada*)

Oh! Falle! A sua voz é balsamo para as feridas de minh'ama! Falle! Carlos!... Deixe que a pobre captiva sonhe por um instante com a felicidade! Oh! Falle!... (*Trasição, delirando.*) Não vio elle?!... Todos os escravos seguiam-no!... Era um bando de homens, negros como os corvos, que me procuravam como o cão procura a presa... Era meu senhor!... Elle me queria para sua amante! (*Exarcebada.*) Oh! Nunca!... Nunca!... Leva-me, Carlos!... Salva-me!... Eu quero viver só para ti!...

PEDRO

Senhor Carlos, vamos conduzil-a para dentro. Póde alguém passar na estrada e surprehender-nos.

CARLOS

Córa, socéga. Já não te disse que estou aqui e que não recêis do que te possa acontecer? Não confias em teu salvador?

CÓRA (*serenando*)

Meu salvador?! Como me é consolador ouvir esta palavra! Eu éra a naufraga impellida pelas ondas do oceano, tu foste a taboa de salvação!... Eu éra a pomba arrebatada pelas garras do gavião e tu roubaste-me as suas furias!... Oh! Como eu te amo, Carlos!

CARLOS

E eu duvido do teu amôr, Córa? Infeliz, não sei eu hoje comprehender a grandesa de teus sentimentos? Não conheço eu hoje bastante da nobresa da tua alma, victima immolada a esta lei barbara que ti fez captiva?! Ah! Mas tu não és captiva, não! O teu salvador vai em breve restituir-te á liberdade e tu serás muito feliz!

CÓRA

Oh! Como é bom para mim! Quando poderei eu compensar-lhe todos estes favores, todos estes sacrificios?

CARLOS

No dia em que raiar a aurora da tua redempção e quando ufanosa de ti poderes erguer a fronte circumdada pela aureola da liberdade para unir os nossos corações ! Mas por agora eu preciso da tua calma. Vamos para dentro; sim, Córa ?

PEDRO

Sim, minha filha ; aqui estamos muito expostos, pode alguém observarnos. Vamos.

CÓRA (*levantando-se entre ambos*)

Vamos. Eu quero descansar. (*Entrão para casa*)

SCENA VIII

DAMIÃO E LOGO PEDRO

DAMIÃO (*do F. procurando*)

Deve ser aqui ! Aquelle *home* da beira do rio me disse : A casa tem dois pés de páu no terreiro. Ah ! Como estão escondidos ! Coitadinha de Córa ! Tão branca, tão alva, tão boa e captiva como a gente ! Mas eu preciso fallar á *sinhô* Pedro, antes que meu *sinhô* chegue por aqui. Ah ! Se elle acha Córa . . . Emquanto vai pela outra banda do rio eu vou ver se posso dizer a *sinhô* Pedro que fuja com Córa ! Eu quero dár este papel que a pobresinha da *véia* me deu quando estava morrendo. Coitada ! Morreu debaixo do castigo !

PEDRO (*saindo de casa*)

Damião ! Tu por aqui ? !

DAMIÃO

Ah ! *Minha sinhô* ! Eu vinha procurar *vosmincé* para lhe dizer que meu *sinhô* está aqui *pra* levar Córa !

PEDRO

Que dizes ? ! O Tenente-Coronel Andrada aqui ? ! Aonde ? !

DAMIÃO

Já passou por aqui ! Está da outra banda do rio. Eu fugi, *sinhó* Pedro, para dizer á *vosmincé* tudo isto e lhe dá este papel que a tia Rita me deu quando estava para morrer, me dizendo: Tu só dá este papel a *sinhó* Pedro. (*Dá-lhe um papel embrulhado*)

PEDRO (*tomando o papel*)

Rita morta ?!

DAMIÃO

Morreu na noite que *vosmincé* saiu mais Córa! A pobre *veinha* morreu fallando em *vosmincé*. Não poudo com tanto castigo do meu *sinhó* Tenente Coroné e descançou morrendo.

PEDRO (*que tem lido o papel que lhe entregou Damião, contentissimo*)

Oh ! Obrigado, meu Deus, por este raio de luz que me enviaste! Damião, queres ver Córa ?

DAMIÃO

Nhô não ! Eu vou me embora já para que meu *sinhó* não me ache aqui. Se elle soubesse o que eu vim dizer a *vosmincé*, éra capaz de me matar no carro ! Eu vou esperar elle no taboleiro ! (*Sóbe correndo e desaparece pela D. F.*)

SCENA IX

PEDRO, CARLOS E LOGO CORA

PEDRO (*á Carlos que sae da casa*)

Senhor Carlos, o Tenente-Coronel Andrada está aqui ! Veio á caça de Córa.

CARLOS

O que está dizendo, senhor Pedro ?! Aquelle homem atravessou tantas leguas ?! Oh ! Vamos occultar Córa ! Vamos escondel-a, para que a pobre sinha não morra com esta surpresa !

PEDRO

Nada, senhor Carlos ! Ao contrario ! Não lhe digamos nada ; mas esperemos que chegue o Tenente-Coronel Andrada ! Oh ! Deixe que elle venha !

CARLOS

O que quer fazer, senhor Pedro?! Teremos uma luta em que succumbiremos, arrastando assim para a morte aquella infeliz.

PEDRO (*forte*)

Oh! Deixe que elle venha! Já lhe disse! Eu quero encarar de perto o Tenente-Coronel Andrada!

CÓRA (*da porta*)

Meu pai! Senhor Carlos?! Que é isto?!

CARLOS (*indo a ella, procurando acalmal-a*)

Nada! Não é nada, Côra. Entra, o sól pode fazer-te mal.

PEDRO

Não! Fica! O sol vai dar-te vida, minha filha!

CARLOS (*baixo á Pedro*)

Está louco, senhor Pedro?! Pois não vê que....

PEDRO

Eu não vêjo nada, ao contrario! Não vê como estou alegre?!...

CÓRA

Meu pai, socegue. O que é isto?!

PEDRO

Não é nada, minha filha! Oh! Bôa alma, tu terás o premio dos justos!

SCENA X

OS MESMOS, TENENTE-CORONEL ANDRADA, JORGE DE ALMEIDA, DAMIÃO E OS ESCRAVOS (*que entrão da D. F.*)

J. DE ALMEIDA (*entrando*)

Deve ser por aqui, Tenente Coronel Andrada, á menos que não seja no inferno!

CÓRA (*que os tem visto*)

Ah ! Meu senhor ! Salve-me, senhor Carlos ! Salve-me, senhor Pedro !

J. DE ALMEIDA (*apontando o grupo*)

Eil-os, Tenente-Coronel !

ANDRADA (*descendo*)

Olá ! Até que afinal !

PEDRO (*encarando-o*)

Até que afinal, senhor Tenente-Coronel Andrada !

ANDRADA

O senhor Pedro por aqui ?! Então está feito acoitador de negros fugidos ?!

CÓRA (*afflictissima*)

Oh ! Meu senhor !

J. DE ALMEIDA

E o senhor Capitão Carlos ?! Nobilissima missão escolheu !

ANDRADA

Vamos, mulata ! Então ?... Não conheces teu senhor ? (*Aos escravos; Damião, Luiz, Cosme, arrastem-n'a ! (Damião avança para Córa com os 2 escravos)*)

CARLOS (*pegando da lasarina, tomando a frente de Córa e apontando para os escravos.*)

Para traz, miseráveis ! O que primeiro avançar morre !

CÓRA

Carlos ! Carlos !

ANDRADA

Está bonito ! Não sabe que esta mulata é minha escrava, senhor?!

J. DE ALMEIDA

E que é um crime, segundo nossas leis, acoitar escravos fugidos ?

PEDRO (*agarrando o braço de Andrada e levando-o á bocca da scena*)

Sr. Tenente-Coronel Andrada, ouça-me! E' uma historia que muito lhe interessa! Ha 20 annos, um homem sem alma e seu coração, o lobo sensual das senzalas, seduziu uma desgraçada escrava de uma *fazenda* do Pará e fel-a sua amante! Era uma mulata clara e bella, a amante desse monstro! Um dia quando o miseravel potentado adivinhou o momento chegado em que iria ter uma filha de um ventre escravo, correu ao lugar em que a infeliz seduzida escondia a vergonha do seu crime, na esperança de que poderia roubar a criança e expol-a mais tarde, á prostituição! Fazia então uma noite negra como o coração daquelle malvado. Uma escrava velha, mãe da pobre victima do lobo das senzallas, que ali se achava de posse da pobresinha recém-nascida, fugia com ella nos braços ao assaltos de seu pai, quando viu por entre a escuridão da noite um vulto que se dirigia para o lugar onde estava a consummação do crime e não tardou a ouvir o murmurio suffocado, como de quem pedia soccoro. Então a pobre velha correu soffrega áquelle lugar e o vulto batido como a lebre pelo cão de fila, fugia ligeiro como a flecha, espavorido e occulto pelas densas trevas da noite, deixando morta a sua amante! O monstro assassino havia estrangulado com as suas proprias mãos a mãe de sua filha! (*Todos á proporção dessa narração vão se achegando aos dois.*)

CARLOS

Oh! era um monstro esse homem!

ANDRADA (*agitadissimo*)

Acabe! Acabe, Sr. Pedro!

PEDRO

A negra escrava, mãe daquelle infeliz assassinada, só teve lagrimas para chorar e animo para carregar nos braços a creancinha recém-nascida. Junto ao cadaver daquelle infeliz mulher, senhor Tenente Coronel, foi encontrada uma carteira, em cuja capa estava gravado o nome do assassino !

ANDRADA (*afflictissimo*)

Oh! Acabou?! Acabou, Sr. Pedro?!

PEDRO

Quer saber a conclusão? O epilogo desta historia que lhe deve doer n'alma? A infeliz captiva chamava-se Agar!

ANDRADA

Agar! Agar?!

PEDRO

A velha negra, mãe daquela infeliz, e que me administrou estas provas (*mostrando o púbil e a carteira*), chamava-se Rita, que morreu debaixo do seu azorrague. A creancinha era . . .

ANDRADA

Era . . . Era . . . quem, Sr. Pedro?!

PEDRO

Era . . . Córa!

ANDRADA

Quem?! Córa?! Córa!

CÓRA (*aterrorisada*)

Meu pai?! . . .

PEDRO

E o pai dessa creança é hoje o . . . Tenente Coronel Andrada.

ANDRADA (*n'uma explosão de alegria*)

Oh! Córa! Tu? Tu, minha filha?!

PEDRO

E agora, Sr. Tenente-Coronel Andrada (*impellindo Córa para Andrada*) captive Córa! Prostitua sua filha!

CARLOS

Chegou o dia da reparação!

CÓRA (*caindo aos pés de Andrada*)

Oh! Meu pai! . . .

ANDRADA (*erguendo-a*)

E' aqui! E' aqui junto ao coração que te quero, Córa! (*Abraça-a freneticamente.*)

J. DE ALMEIDA (*d parte*)

Oh! Fui derrotado! (*Alto, dissimulando.*) Dou-lhe meus parabens, Tenente-Coronel Andrada, por este feliz incidente.

ANDRADA

Oh! Sr. Carlos, deixe que eu tambem o abrace!

CARLOS

Ainda não, Sr Tenente-Coronel. (*A Jorge de Almeida.*) Tenho tambem que contar-lhe uma historia, Sr. Jorge de Almeida. Já achei meu pai e uma familia!

J. DE ALMEIDA

Mas eu tenho affazeres que me inibem ouvil-o. (*Vai a sair.*)

CARLOS (*pegando-o com força pelo braço*)

Mas ha de ouvir-me, ainda que contra a sua vontade. Havia no Rio Grande do Sul um commerciante honrado e abastado que se chamou Jeronymo de Villemy

J. DE ALMEIDA (*aterrado*)

Jeronymo de Villemy!

CARLOS

Uma noite aquelle infeliz homem amanheceu em seu escriptorio assassinado e toda sua fortuna roubada. O assassino e ladrão fugio. Decorreram dez annos, e agora o cumplice do falso Jorge de Almeida, aquelle a quem este arrastou á miseria, ao expirar em um hospital de caridade da Côte, perante testemunhas revelou a autoria daquelle hediondo crime, praticado por elle e Leoncio de Castro.

J. DE ALMEIDA

Mentira!

CARLOS

Leoncio de Castro hoje nestá provincia com o supposto nome de Jorge de Almeida.

J. DE ALMEIDA (*d parte*)

Estou descoberto! Maldição! (*Alto.*) E' um falso! E' uma calumnia!

CARLOS

Antonio Borba, o seu cumplice, antes de morrer passou ás mãos das testemunhas presentes uma prova que o condemnará para sempre!

J. DE ALMEIDA

Uma prova?! E' uma infamia, senhor!

CARLOS (*mostrando-lhe um papel*)

Este pacto de sangue assignado pelos assassinos Antonio Borba e Leoncio de Castro.

J. DE ALMEIDA (*d parte*)

Oh! Estou desgraçado! Mas tu me pagarás bem caro, Carlos de Villemy!

PEDRO

Este homem é uma féra!

CARLOS

E agora, Leoncio de Castro, que te caiu a mascara do falso Jorge de Almeida, as galés te abriram as portas para se fecharem sobre ti eternamente.

J. DE ALMEIDA

Nunca! Preferitei a morte ao degredo! (*Sae precipitado pela D. F.*)

SCENA XI

OS MESMOS MENOS JORGE DE ALMEIDA

PEDRO

Vai, condemnado!

CARLOS

Córa! Ha 25 annos que eu trago como uma reliquia sagrada esta redôma. E' o teu presente de nupcias, aceita-o. (*Entrega-lhe uma redoma de ouro.*)

CÓRA

Carlos. como foste bom para mim!

PEDRO

Esta redôma! . . . (*Toma-a de Córa, tremulo e convulso.*) Quem lhe deu esta rôdoma, senhor Capitão!

CARLOS

E' o retrato de minha mãe, Sr. Pedro.

PEDRO (*fitando a redoma alegre e convulsivo*)Sua mãe?! Ella?! . . . Oh! Eu não me engano! Clara?! Estarei sonhando?! (*Passando as mãos pelos olhos*) Oh! E' ella! Sim! E' Clara! E' ella! Tu! Tu, meu filho! (*Atira-se aos braços de Carlos.*)CARLOS (*abraçando-o phreneticamente*)

Oh! Meu pai?! Até que afinal tenho um pai e uma familia!

ANDRADA

Eu enlouqueço de tanta alegria. Teu filho, Pedro? (*Abraça-o*)

PEDRO

Nossos filhos, Tenente-Coronel Andrada!

CARLOS (*mostrando os dois*)

Córa, nossos pais!

ANDRADA

Pedro, meu bom velho a *fazenda Campinas* não tem mais captivos!

CARLOS

Oh! Deixe-me abraçal-o e beijar-lhe as mãos em nome dos redimidos. (*Abraçam-se. Ouve-se um tiro na D.*)

TODOS

Que é isto?!

SCENA XII

OS MESMOS E LULA (*que sai do bosque com a enxada ao hombro*)

LULA (*correndo afflictissimo*)

Accudam! Accudam! *Seu capitão, um home que saiu d'aqui agora acaba de dar um tiro na cabeça na encruziada do caminho e caiu morto que nem um defunto!*

TOCOS (*excepto Córa*)

Jorge de Almeida!

PEDRO

Foi a reparação de tantos crimes!

CARLOS

Foi o remorso!

TABLEAU.

Cae o panno

FIM DO DRAMA

JUIZO DA IMPRENSA

Quando, entre amigos, o autor fez a leitura deste drama, a *Folha do Norte*, da qual era principal redactor o distincto e illustrado moço Dr. Martins Junior, que se dignou assistir a essa leitura, exprimiu-se em artigo editorial assim :

Cora, a filha de Agar

“ Como já sabem os nossos leitores, é esse o titulo de um drama que acaba de escrever o nosso intelligente comprovinciano, academico Ribeiro da Silva.

“ Tivemos o prazer de assistir, ha dias, a leitura da nova peça dramatica, e a impressão que nos deixou a audição, posta de lado a nossa intuição naturalista em litteratura, foi satisfactoria.

“ *Córa* é um drama ainda filiado á escola romantica, de cujas situações, muitas vezes irreaes, mas nem por isso condemnaveis, o autor tira partido para uma forte propaganda abolicionista.

“ A protagonista é uma mestiça, quasi branca, que foge do Pará para esta provincia, afin de se furtar aos rigores da escravidão. Aqui chegada, frequenta a melhor sociedade ; mas afinal vê-se obrigada a emigrar para o centro da provincia, por lhe ter sido descoberta a pista.

“ Isso ; uma funda paixão que concebe pela escrava um orphão, official de marinha; muitos lances imprevistos e sensibilisadores ; e um desenlace em que se descobre ser o *senhor* de Córa seu pae,—eis, em traços largos, o entrecho da peça.

“ Ribeiro da Silva conseguiu o que era seu fito : — fazer um drama de effeito e de propaganda libertadora.

“ Damos-lhe parabens.

“ O seu novo trabalho, apesar de conter senões, é uma tentativa louvavel.”

Quando representado pela primeira vez, o *Tempo*, illustrado organ do partido conservador, escreveu em editorial de 23 de Setembro estas quatro palavras, que para aqui transcrevemos :

Distracção Dramatica Familiar

“ Realisou-se, como se annunciára, no sabbado o espectáculo dessa sociedade, com o drama em 4 actos — *Córa, a filha de Agar*, linda composição do nosso joven comprovinciano e amigo Sr. Ribeiro da Silva, já conhecido do nosso publico por diversos trabalhos litterarios.

“ Escripto em linguagem alevantada e tendo scenas de grande effeito, a *Córa* conquistou na sua primeira representação um grande successo, pois é justiça dizer que o desempenho foi dos mais regulares.

“ Nossos parabens ao Sr. Ribeiro da Silva.”

BIBLIOTHECA
☆
VON HAGER-GINTNER
—
RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA

APOLLO

RECIFE,

RUA DO HOSPICIO 79

Handwritten numbers and scribbles, including "2968" and "0941", with horizontal lines drawn through them.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).